

Perigo iminente

Com o desaparecimento de muitos espaços usados para a prática de futebol em Luanda, os jovens e crianças disputam as ruas com os automobilistas.



p.30-31

União Recreativo Kilamba

O comandante Poly Rocha mostrou ser o homem certo no lugar. Depois da passagem vitoriosa no Sagrada Esperança, repete a proeza com um grupo totalmente pensado por ele.

p. 6-7



LUANDA

JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL ANGOLANA

19 de Fevereiro de 2018 • Ano 0 • Número 18 •

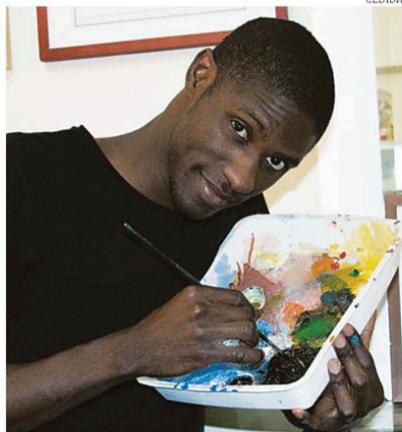
Publicação quinzenal, à segunda-feira

Pólo de Cabo Ledo leva atraso de cinco anos

Cinco anos depois do início do processo de planeamento do vasto perímetro de actuação, a ausência das principais infra-estruturas, para potencializar os investimentos, ainda é uma realidade, no projecto que se pretende que venha a ser o Pólo de Desenvolvimento Turístico de Cabo Ledo, no município da Quissama, província de Luanda. O atraso deve-se à crise económico-financeira, que o país vive desde 2014. A situação provocou constrangimentos em torno do cronograma inicial e adiou a dinâmica de planificação e, conseqüentemente, a implementação de inúmeros investimentos, que hoje seriam auto-sustentáveis", disse o director geral do gabinete de gestão do projecto, Lucrecio Mangureira. [p. 16-17](#)



CEDIDA



ARTES Artista angolano expôs no Museu do Louvre

ARMANDO SCOTT

O ARQUITECTO EMPRESTADO ÀS ARTES

O primeiro angolano a expôr no "Museu du Louvre", em França, garante que a experiência deixa-o estupefacto até agora. Natural de Luanda, o artista, é detentor de 15 prémios, ganhos em diversos países do mundo. [p. 24-25](#)

SOSSEGO E VILA FLOR

OS BAIRROS EM "MAR" DE DIFICULDADES

Os bairros da periferia continuam "afogados" num mar de dificuldades. O saneamento básico, educação, saúde, energia eléctrica, água potável, e a criminalidade estão entre as preocupações que mais afectam os seus habitantes. Ao que parece, os problemas não têm fim. [p. 18-21](#)

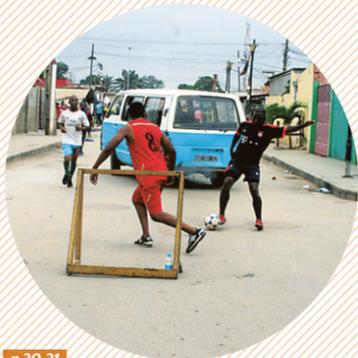
CARNAVAL

CHUVA, O CARRASCO DO ENTRUDO

Como é sabido a nossa urbe é ultra sensível a presença da chuva. Por sua conta, a maior manifestação cultural foi uma das vítimas. Duas mortes, três centenas de famílias desabrigadas, ruas alagadas e intransitáveis integram a lista de conseqüências. [p. 8-9](#)

Perigo iminente

Com o desaparecimento de muitos espaços usados para a prática de futebol em Luanda, os jovens e crianças disputam as ruas com os automobilistas.



p.30-31

União Recreativo Kilamba

O comandante Poly Rocha mostrou ser o homem certo no lugar. Depois da passagem vitoriosa no Sagrada Esperança, repete a proeza com um grupo totalmente pensado por ele.

p. 6-7



LUANDA

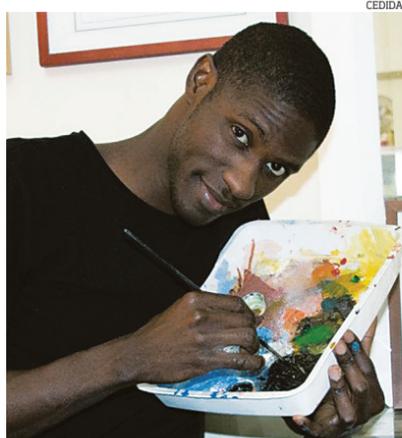
JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL ANGOLANA

19 de Fevereiro de 2018 • Ano 0 • Número 18 •

Publicação quinzenal, à segunda-feira

Pólo de Cabo Ledo leva atraso de cinco anos

Cinco anos depois do início do processo de planeamento do vasto perímetro de actuação, a ausência das principais infra-estruturas, para potencializar os investimentos, ainda é uma realidade, no projecto que se pretende que venha a ser o Pólo de Desenvolvimento Turístico de Cabo Ledo, no município da Quissama, província de Luanda. O atraso deve-se à crise económico-financeira, que o país vive desde 2014. A situação provocou constrangimentos em torno do cronograma inicial e adiou a dinâmica de planificação e, conseqüentemente, a implementação de inúmeros investimentos, que hoje seriam auto-sustentáveis", disse o director geral do gabinete de gestão do projecto, Lucrécio Mangureira. [p. 16-17](#)



CEDIDA

ARTES Artista angolano expôs no Museu do Louvre

ARMANDO SCOTT

O ARQUITECTO EMPRESTADO ÀS ARTES

O primeiro angolano a expôr no "Museu du Louvre", em França, garante que a experiência deixa-o estupefacto até agora. Natural de Luanda, o artista, é detentor de 15 prémios, ganhos em diversos países do mundo. [p. 24-25](#)

SOSSEGO E VILA FLOR

OS BAIROS EM "MAR" DE DIFICULDADES

Os bairros da periferia continuam "afogados" num mar de dificuldades. O saneamento básico, educação, saúde, energia eléctrica, água potável, e a criminalidade estão entre as preocupações que mais afectam os seus habitantes. Ao que parece, os problemas não têm fim. [p. 18-21](#)

CARNAVAL

CHUVA, O CARRASCO DO ENTRUDO

Como é sabido a nossa urbe é ultra sensível a presença da chuva. Por sua conta, a maior manifestação cultural foi uma das vítimas. Duas mortes, três centenas de famílias desabrigadas, ruas alagadas e intransitáveis integram a lista de conseqüências. [p. 8-9](#)

NOTA DO DIA



CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva

PARQUES PREÇOS E CIDADÃOS

A requalificação da Baía de Luanda, à Marginal, permitiu a construção de 13 novos parques de estacionamento, num total de 2.740 lugares. Com a conclusão do projecto, os automobilistas viam a dificuldade em espaços de estacionamentos amenizadas, principalmente, na Baixa de Luanda.

Na segunda quinzena de Janeiro, os automobilistas foram surpreendidos com a colocação de cancelas, em sete dos 13 parques de estacionamento construídos naquela área. Maior surpresa ainda é o valor cobrado para o estacionamento. São números que variam entre os 500 e os 1000 Kwanzas por dia, 50 Kz por hora. Como se não bastasse, o automobilista é obrigado a pagar, logo à entrada, 500 Kz. O valor é, para muitos, bastante elevado, atendendo a realidade que se vive.

Muitos questionamentos se fazem a respeito da gestão desses parques. Do Governo Provincial de Luanda ninguém se pronuncia a respeito. E assim, os automobilistas são obrigados a pagar, para que as suas viaturas não sejam removidas, no caso de estarem mal estacionadas, uma consequência da falta de espaços para o efeito.

Uma vez que se tem falado em transparência, é preciso lembrar que os parques de estacionamentos, assim como os bens colocados à disposição da população, são frutos da contribuição dos cidadãos. É necessário também que, sempre que se pense em criar algum serviço público e que daí se venha a arrecadar alguma receita, se tenha em atenção e consideração o que os cidadãos representam para a cidade. É preciso respeitá-lo.

Os parques de estacionamentos são fruto da contribuição dos cidadãos

Luandando



ROSALINA MATETA
Sub-Editora

DIA DE SÃO-VALENTIM

O Dia de São Valentim deixou de ser comemorado pela Igreja Católica em 1969. Mas o mundo continua rendido à data. Em Angola, este ano, o 14 de Fevereiro foi recheado, do género "Shampoo dois em um". Não bastasse já o carácter mercantil que desvirtuou o seu sentido, foram-lhe agregados dois jogos de futebol, internacional, claro. O doméstico, nem aos próprios jogadores interessa tanto. Mas esta é outra conversa que um dia poderemos ter aqui. Por hoje voltemos ao "Valentine's Day". Luanda começou a ser envolvida pelos símbolos e cores da efeméride muitas horas antes do dia D. Lojas, ruas, becos e esquinas foram invadidos de vermelho, a dita cor do amor. Muitas sugestões de presentes para mulheres e homens. Chegou o Dia dos Namorados e o frenesim para as compras aumentou. Ao passar por um certo local onde se faz a venda de flores, o trânsito estava afunilado. Muitos carros e motos com condutores ávidos de as comprar. Fiquei com a impressão de que os amantes deixaram tudo para as derradeiras horas.

Lá ouvi uma conversa entre dois "moto-boys", na qual um, referindo-se aos arranjos florais, perguntou ao outro: "três mambos destes, meu!? Em resposta e com um sorriso maroto, o rapaz disse: "Yá São para as posições de um meu boss...". Muitos episódios do género terão acontecido por esta Luanda. Também houve quem não recebeu nada, nem viu o seu "boss". Houve ainda quem dormiu com o telemóvel colado ao ouvido e aquela pessoa amada ou desejada não ligou. Cenas que se repetem todos os anos e que, pelo o que se constata, nenhuma lição deixam. Não bastasse o "engarrafamento" que o Dia dos Namorados vem causando nos últimos tempos, ainda houve tais jogos da Liga dos Campeões da Europa. Real Madrid - Paris Saint-Germain e Porto- Liverpool. Mais oponentes para as mulheres. Embora, nos últimos tempos, na nossa cidade, as disputas, fora de campos, envolvam ambos os sexos. Com mais ou menos jogo de cintura, a intenção tem sido tirar os adversários do reduto de cada um. Se conseguem ou não, "é só gerir".

Enquanto se esperava pelos jogos na Europa, por cá, muitos casais, bem ou mal casados, namorados e eventuais disputavam renhidamente posições. Em alguns casos, os homens desejavam assistir aos jogos com os amigos e, noutros, as mulheres, aquelas que tiveram uma palavra a dizer, dispuseram-se a acompanhar os jogos com os seus companheiros. Estas foram inteligentes. Mas engana-se quem pensa que não houve machos que se recusaram determinadamente em ter a "amada" por perto. É que futebol é coisa de homens e coisa e tal. E mesmo assim, o Dia dos Namorados é para ser celebrado todos os dias.

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao



DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Na marginal PASSAGEM DE TESTEMUNHO

A maior festa do povo angolano, o carnaval, foi dançado com muita alegria e chuva pelo meio. Houve grande disputa. Convencer o jurado na Nova Marginal e ganhar o prémio nesta edição do Carnaval de Luanda foi a meta de alguns grupos que se esmeraram para tal.

Os estilos de dança Semba, Kazukuta e a Cabecinha predominaram, tanto nas classes A e B, como nos grupos infantis. Foi com agrado que notamos que, apesar das limitações financeiras, a passagem de testemunho está a ser feita. Os pequenos dançarinos demonstraram que a cultura do povo angolano não será facilmente esquecida. Há a possibilidade

de continuar com a nova geração de dançarinos.

Este casal de pequenos foliões com destreza para a dança renovou esperança do público espectador. A firmeza nos passos e a alegria estampada nos seus rostos também deixaram passar despercebidas as dificuldades que o seu e os demais grupos infantis tiveram nesta edição do carnaval.

Foi bom de ver e ter a convicção de que a tradição de dançar ao carnaval está salvaguardada pelas crianças. No geral, a demonstração de superação, dedicação, entrega, animação e alegria de todas aquelas crianças caracterizam os angolanos, pois ao longo destes anos vem vencendo obstáculos.

A palavra ao leitor



Transportes públicos

Em Julho do ano passado, o ministro dos Transportes fez a entrega de cerca de 250 novos autocarros e apontou que circulavam cerca de 450 mil veículos em rotas bem definidas. Sei que Viana foi contemplada, mas não vemos autocarros a circular como prometido. Eis a minha inquietação, pois Viana, Estalagem, Grafani-bar, BCA e FTU, até ao 1º de Maio, mais facilmente apanha-se um táxi, desses que fazem linhas curtas, do que um autocarro.

Marta Pedro
Viana

Vias alternativas

Vivo no Benfica e saio de táxi com destino à baixa da cidade. Sempre que chego ao Morro da Luz, no período da manhã, as vias estão muito engarrafadas. Em minha opinião, a falta de estradas alternativas é a causadora de tanto congestionamento, o que leva ao stress. Sem contar que, geralmente, nós, os trabalhadores, chegamos tarde ao emprego. A estrada que liga a praia seria uma das soluções.

Júlio Gaspar
Benfica

Cinemas em Luanda

Há anos que salas de cinema deixaram de existir. O Karl Max, Atlântico, São João, Miramar e muitos outros já não exibem filmes e são usados para outros fins. A meu entender, acho que deram um "golpe" ao cinema à moda antiga. É preciso investir em mais salas de cinema.

Paulo da Rocha
Alvalade

LUANDA

Directora Executiva: Cristina da Silva

Sub-Editora: Rosalina Mateta

Secretária de redacção: Maria da Gama

Jornalistas: António Pimenta, Arcângela Rodrigues, Domiana N'jila, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus, Nilsa Massango, Neusa de Menezes e Solange da Silva

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Designer: Irineu Caldeira & Adilson Félix

Morada: Rua Rainha Jinga 12/26. Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 Fax: 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 MAIL: antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao



Presidente do Conselho de Administração: Vítor Silva

Administradores Executivos: Caetano Pedro da Conceição Júnior, José Alberto Domingos, Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril, Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores não Executivos: Olímpio de Sousa e Silva, Catarina Vieira Dias da Cunha



ORDEM E SIMPLICIDADE REVIVER A ALEGRIA

O União Povo da Samba veio mostrar que afinal não era bem assim e que o júri ainda tinha muito para ver, dado que alguns membros já denunciavam certo cansaço. Foi um grupo muito ordeiro e de simples toques de dança. Investiu muito na simpatia, que, mesmo já sendo noite, obrigou todos a reviver a festa.



BERNARDO JOSÉ “POR POUCO DESISTÍAMOS”

“Por pouco desistíamos. Foi graças a dois patrocinadores, entre os quais as Organizações Tekas Comercial e a intervenção da Administração do Distrito. Ficámos até Janeiro sem qualquer resposta dos empresários, que só reagiram de 31 de Janeiro a 5 de Fevereiro. Tivemos que nos preparar às pressas”.

DESFILE DA CLASSE B

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



EXIBIÇÃO No desfile da Classe B os distintos grupos passearam classe e elegância ao som dos ritmos da terra

Do início arrepiante com Kazucuta a um final dentro das expectativas

União Povo da Samba é o vencedor

Matadi Makola

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Foi com uma entrada arrepiante, pelo seu garbo e alegria, do União Kazucuta do Sambizanga que a festa da Classe B começou, na Marginal da Praia do Bispo, sábado, 10 de Fevereiro. O Unidos do Zango não fez mais do que passear classe no toque do Semba, embora com uma vestimenta muito pobre. O União 17 de Setembro passou despercebido. O União Etu Mudietu dançou a contar com a vitória: muito organizado e uma comunhão ajustada entre o moderno e o tradicional, já apresentando uma rainha e outros elementos da corte que não seguiram as mesmices que viraram regra no nosso carnaval.

O União Kwanza, do Talatona, embora tenha criado uma Cabetula de encher os olhos, faliu significativamente

no posicionamento das alas. O União Café de Angola fez a Marginal voltar ao Semba, mas muito descoordenado. O União Giza claudicou na confiança, tanto que pareceu ter apenas dançado para a plateia da sua zona de origem, o Rangel. Despertaram já a meio da actuação, corrigindo posicionamento e superando a empatia, fazendo, deste modo, jus à boa indumentaria que traziam, tanto que algumas identidades não lhes foram indiferentes, como Mara Quiosa, a nova governadora do Bengo, e Mila Caquesse, administradora do Sambizanga, que abandonaram o conforto da zona vip e desceram até junto à pista para dançar ao semba do Giza.

O União Domant teve uma indumentária razoável e um Semba que poderia ser mais vistoso, caso o comandante desse melhor atenção às manobras das alas. O União Sagrada

Esperança, já marcado por ter sempre o apoio anímico de Poly Rocha, tanto que já dizia no canto não ter medo, teve presença de vencedor. Embora no início o comandante não se tenha mostrado firme, foi dos grupos mais ordeiros e conseguiu trazer um Semba vistoso. Pelo que já se tinha visto, era fácil cogitar que não iriam a casa de mãos vazias.

Embora com uma homenagem oportuna, invocando a cidade de Mbanza Kongo, o União Amazonas do Prenda poderia ser mais exigente consigo mesmo, talvez conseguisse uma melhor posição. O Unidos do Kilamba Kixi, apesar de muito engajado, só mostrou que o destino já estava quase decidido e que só uma grande reviravolta tiraria o título ao Sagrada Esperança. O mesmo aconteceu com o União Angola Independente, que não fez mais do que marcar presença.

VITÓRIA DE UM POVO ORDEIRO

Foi o União Povo da Samba que veio impôr que afinal não era bem assim e que o júri ainda tinha muito para ver, dado que alguns membros já denunciavam certo cansaço. Foi um grupo muito ordeiro e de simples toques de dança. Investiu muito na simpatia, que, mesmo já sendo noite, obrigou todos a reviver uma alegria e energia de final de tarde. Assim também fez o União Twabixila, com grandes compassos e uma falange de apoio que trouxe os batuques que fecharam a noite em grande, fora de ter apresentado uma boa cantora e uma Dizanda que bem merecia ganhar alguma coisa.

O União Povo da Samba viu o título ir para as suas mãos por ter conseguido mais cinco pontos, exactamente, 720, contra os 715 do seu principal oponente, o União Sagrada Esperança,

que teve o Melhor Comandante da Classe B. O inovador Etu Mudietu saiu em terceiro lugar (694), o esforçado Twabixila ficou em quarto (684) e o simpático Giza em quinto (648).

Ficámos a saber que o União Povo da Samba quase não participaria nesta edição, pesando nas razões as dificuldades financeiras, tal como explica Bernardo José, secretário do grupo:

“Por pouco desistíamos. Foi graças a dois patrocinadores, entre os quais as Organizações Tekas Comercial e a intervenção da Administração do Distrito. Ficámos até janeiro sem qualquer resposta dos empresários, que só reagiram de 31 de Janeiro a 5 de Fevereiro. Tivemos que nos preparar tudo às pressas. Mas a Classe B não é mesmo o lugar do União Povo da Samba. Vamos à classe A”.

MM

KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO



ALEGORIA União Povo da Samba investiu muito



ANA DIAS LOURENÇO ENCANTADA COM A FOLIA

O carnaval estava vivo, tanto que a Primeira Dama, Ana Dias Lourenço, fez logo uma consulta na revista do Carnaval que tinha em mão e trocou algumas palavras com o governador de Luanda, Adriano de Carvalho, certamente marcados pelo rico momento de folia que os rapazes da Cacimba acabavam de proporcionar na Marginal.



GERSY PEGADO ADESÃO DOS MENINOS

Gersy Pegado, presidente da mesa do júri do Infantil, fez o seguinte resumo: “decorreu muito bem e estamos muito felizes pela adesão dos meninos, mesmo enfrentando várias dificuldades, como o atraso dos recursos financeiros, o que muito complica na gestão de uma escola de Carnaval”.

ENTRUDO 2018 TRAZ INOVAÇÃO

NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO



Cassules fazem exibição fora da ordem

Matadi Makola

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Quando o relógio marcava exatamente 17H, de sexta-feira, 9 de Fevereiro, o Cassules Fogo Negro, do município de Talatona, abriu as honras da casa, no desfile infantil do Carnaval de Luanda, realizado na Marginal da Praia do Bispo. Apresentou um Semba não muito vistoso, tampouco convincente foi o seu comandante, que quase se perdeu entre as alas.

O Cassules Petrolíferos da Petrangol, por seu lado, não se preocupou em superar o seu antecessor, deitando também por terra os seus créditos. Definitivamente, o dia começava a ser ganho com o Cassules do 54, da Maianga, que mostrou ter feito um bom trabalho de casa.

O grupo do 54 já se tinha distinguido no canto, mas a sua corte impôs brio, com movimentações harmoniosas, a realçar os toques típicos do Semba de Carnaval. Pela entusiasta actualização, tinham deixado à mostra que alguma coisa não lhes escaparia, embora tenham pecado fortemente por ainda manterem um cantor cuja corpulência indicava não mais se ajustar à classe infantil. Só lhes bastava esperar; já tinham feito o que podiam.

Outra vez escolhido, o Semba do Cassules do Café de Angola já trouxe alguma maturidade. “Uejia kwenda”, apelavam no canto, que condizia com a simples mas legível alegoria, que chamava a atenção ao respeito a ter com os pais. O amarelo forte das suas roupas e os adornos muito bem feitos pareciam ajudar a inspirar o comandan-

te (uma criança mesmo), que se movimentava com dinamismo pelas alas e as fazia mover. Não teve destaque nenhum a presença quase nula do cantor, que também não pareceu ser assim tão criança.

O Cassules do 10 de Dezembro não fez mais do que já tem mostrado, investindo fortemente no canto, dependentes da grande expressividade que carrega a sua cantora, um grande trunfo do grupo. O seu comandante, Denilson Lourenço, é um autêntico artista na pista, dos poucos que comanda sempre ao toque de dança, proporcionando grandes momentos de folia. O grupo não teve a mesma perspicácia na escolha da indumentária.

Folgado por ser o grupo homenageado da classe principal dos adultos, a Cacimba investiu toda a sua “vontade” no escalão infantil e o resultado foi por demais plausível. O seu canto estava bem cozinhado, uma rap-sódia de diversos temas de cantores piôs, caindo bem o refrão “wassamba é wassamba, wassamba ueeee”, citando depois os nomes de Yuri da Cunha, Mamborró, Maya Cool, Isidora Campos e outros. Também acertou na indumentária, com saias com rodela próprias para fazer realçar os passarões que viriam a imprimir nas alas, funcionais em todas as partes. Paineis e alegoria conjugavam. Pela organização do grupo, comandante e cantora (ambos crianças mes-

mo) tinham a tarefa facilitada, mesmo até nos movimentos mais arrojados, aqueles de trocar os olhos. Aquele momento deixou o carnaval vivo, tanto que a primeira dama, Ana Dias Lourenço, fez logo uma consulta na revista do Carnaval que tinha em mão e, em seguida, trocou algumas palavras com o governador de Luanda, Adriano de Carvalho, certamente marcados pelo rico momento de folia que os Cassules da Cacimba acabavam de proporcionar.

A chamada para pista do Cassules do União Mundo da Ilha vinha confirmar que era o ponto alto do Semba,



CASSULES MUNDO DA ILHA PRESIDENTE VIU FALHAS

“Começamos a ter certa dificuldade em perceber o júri, porque um pontua 40 e o outro 20, não sabendo qual deles entende melhor de Canção, porque a disparidade entre as duas pontuações é notável. Mas vejo que falhei um bocadinho na Canção, no Painel e na Alegoria”, reclamou o presidente.



MAYA COOL PREOCUPADO ADULTOS NÃO PODEM PASSAR POR CRIANÇAS

Já Maya Cool, membro do júri na categoria Canção, reclama que seria importante que a organização tivesse em conta que o Carnaval é Infantil e que, por este motivo, deve ser mesmo as crianças a cantar. “Vi grupos em que eram os adultos a cantar”, alerta.

estilo que mantém a hegemonia no Carnaval de Luanda. “Tulonga”, manifestavam os ilhéus no canto, reforçado com uma alegoria que ilustrava uma oficina de ofícios. O Semba do Mundo não é espalhafato; é rigoroso e simétrico. O alinhamento das filas deixa espaço para arejar as alas, suficiente para cada bailarino estar à vontade. As rédeas foram tomadas por uma menina, a comandante, uma criança mesmo, como quase todo o grupo.

Quando já o relógio marcava 19H, o “tum tum” da corneta da Kazukuta veio quebrar a solidão do Semba. Era o Cassules Admiradores da Kazukuta do Hoji-Ya-Henda, com as sombrinhas e as bengalas e todo o estilo e elegância a que esta dança obriga, sedutora nos rodopios e arrojada na batida dos calcanhares. A corte esteve um tanto tímida, não fosse o comandante (menino mesmo), acabando por fazer uma apresentação razoável. Como ponto negativo, deve ter custado caro a permissão de terem na falange de apoio um jovem que alargou a sua imaginação para a pirotecnia, mas pouco logrou, por ter sido prontamente abordado por Manuel Sebastião.

O Cassules Kazukuta do Sambizanga, apesar de ter dançado muito bem, não teve imaginação suficiente. Já de volta ao Semba, o novato Cassules Twafundumuka pouco tinha a mostrar. O Cassules Sagrada Esperança só provou que está longe de possuir a ambição que norteia a formação sénior.

Esta esterilidade criativa só foi quebrada com a presença do Cassules do Amazonas do Prenda, que investiu muito na coreografia, num Semba cheio de novidades. A Cabecinha de Viana foi trazida pelo Viveiros do Njinga Mbande, que se distinguiu pela organização e singularidade na dança, impondo uma mudança obrigatória de um ambiente já saturado pelo Semba.

Embora se tenha dito que fosse Semba, a prática veio mostrar que era Dizanda. Cassules do Juventude do Kilamba Kiaxi esteve muito longe de satisfazer expectativas. A fechar, Cassules Geração Sagrada só se distinguiu pelo esforço do seu comandante.

Quando já o relógio marcava 19h00, o “tum tum” da corneta da Kazukuta veio quebrar a solidão do Semba. Era o Cassules Admiradores da Kazukuta do Hoji-Ya-Henda, com as sombrinhas e as bengalas e todo o estilo e elegância a que esta dança obriga, sedutora nos rodopios e arrojada na batida dos calcanhares

SAIR DA CACIMBA PARA A LUZ DO DIA

Não foi novidade que o Cassules da Cacimba viesse a ganhar o Carnaval, dado que tinha desfilado suficientemente bem para o merecer. O mesmo se pode dizer dos outros dois com os quais divide o pódio. Com uma diferença de exactamente quatro pontos, o Cassules da Cacimba leva o título a casa, nos seus decisivos 779, muito a favor da exuberância do seu comandante, que arrebatou 117 pontos. Viveiros do Njinga Mbande conformou-se com o segundo lugar (775). Cassules Mundo da Ilha ficou em terceiro (725); seguindo-se o Cassules Amazonas do Prenda (719) e o Cassules 10 de Dezembro (711).

Gersy Pegado, presidente da mesa do júri da Classe Infantil, fez o seguinte resumo: “decorreu muito bem e estamos muito felizes pela adesão dos meninos, mesmo enfrentando várias dificuldades, como o atraso dos recursos financeiros, o que muito complica na gestão de uma escola de Carnaval”. Sobre o grupo vencedor, observa que “foi o que menos pecou e mostrou ter imaginação”.

Já Maya Cool, membro do júri na categoria Canção, reclama que seria importante que a organização tivesse em conta que o Carnaval é Infantil e que, por este motivo, devesse ser mesmo as crianças a cantar.

“Vi grupos em que eram os adultos a cantar”, alerta.

O Presidente do União Mundo da Ilha reconheceu que os seus “pupilos” não estiveram na perfeição, mas concorda com Maya Cool, sobre determinados erros aos quais a organização continua a fazer “vista grossa”, sendo o mais flagrante a permissão de indivíduos com idade de já não serem da Classe Infantil, não deixando também de questionar o posicionamento do jurado.

“Começamos a ter certa dificuldade em perceber o júri, porque um pontua 40 e o outro 20, não sabendo qual deles entende melhor, porque a disparidade é notável. Mas vejo que falhei um bocadinho na Canção, no Painel e na Alegoria. E não é querer puxar a brasa à minha sardinha, mas o meu grupo era mesmo infantil, quando há grupos que têm mesmo mais velhos. Não há uma verdade neste aspecto”, concluiu.

Caía o pano da classe infantil, com a urna já vazia e os grupos e Gersy Pegado a procurem destinos, numa edição que fica marcada por as crianças terem cantado muito em línguas nacionais e por, outra nota negativa, os assuntos serem mais de adultos do que propriamente espelharem a puerilidade que caracteriza esta fase da vida. **MM**



IMAGINAÇÃO As crianças souberam brincar o carnaval



LASP Membros do Cassules da Cassimba felizes



DANÇA O Semba ainda é o estilo que domina o carnaval



VESTIMENTA Os grupos continuam a apostar

FOTOS DE DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



KIELA NO QUARTO LUGAR COMANDANTE MARAVILHA INCONFORMADA

Maravilha viu-se abandonada. Tinha de engolir a dor, não tinha outra alternativa. Já mais calma, muito depois de quase todos saírem, lá estava ela a trocar "mimos" com Manuel Sebastião, que a aconselhou a vir mais forte no próximo ano, defendendo que a decisão do júri é inapelável.



MAIS NACIONAL LUANDA ENRIQUECIDA

Jomo Fortunato salienta que a intenção de trazer grupos de outras províncias à Marginal de Luanda já vem sendo analisada faz algum tempo. Viu agora a sua concretização, sob comando de Carolina Cerqueira. Para o crítico, os grupos da Lunda-Norte e Cabinda deram sugestões culturais que só completam ainda mais o Carnaval.

DESFILE DA CLASSE A

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

A consagração do Kilamba às ordens de Poly Rocha



Matadi Makola

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Poly Rocha, no comando do seu União Recreativo Kilamba, mostrou que é o homem certo na hora e lugar certos. Se, da vez passada, viu o título ir para a Ilha, mesmo com fortes reações que tentavam contrariar uma decisão inapelável do júri, o mesmo não lhe aconteceu nesta edição. Provou saber o que faz desde o seu empenho no Sagrada Esperança, totalmente desenhado por ele, acabando por trazer novidades ao Entrudo luandense.

Já com o domínio dos resultados, não mediu palavras ao falar à imprensa, afirmando que este prémio que agora recebe não é mais do que a reposição da justiça da edição passada, na qual foi "injustiçado com o segundo lugar". Poly entrou confiante na Nova Marginal, tanto que dançou sob chuva e por momentos só contou com a percussão natural de palmas e um canto bem cadenciado. O resto foi o traquejo que já nos habituou, de um comandante que arrisca assumir uma trajetória com representação maturada para distinguir o Entrudo luandense num

antes e depois de Poly.

O União Mundo da Ilha contentou-se com o segundo lugar. Não que seja a posição desejada, ficando claro que, na próxima edição, tudo fará para ter de volta um título que, pelas vezes ganho, é quase certo que lhes faça parte. António Custódio, presidente do Mundo da Ilha, foi nobre em reconhecer que os resultados espelham que o seu grupo devesse trabalhar mais.

"Nas categorias em que há anos estávamos mal, nestes últimos temos superado e um deles era a alegoria. A canção também vai ser melhor trabalhada. O nosso comandante ainda poderá melhorar, porque, mesmo na edição passada, em que fomos vencedores, ele conseguiu apenas a modesta quarta posição", traçou.

O Mundo da Ilha começou a trabalhar em Junho do ano passado, oito meses de labor total, com dedicação e ansiedade, visto que pairava uma incerteza sobre se o Carnaval deste ano vir a sair. Sobre o grupo vencedor, disse: "Venceu bem. Fico feliz que o título tenha ficado no município de Luanda".

Xabanú, júri na categoria Canção, faz um rescaldo positivo. "A classificação, tanto Dança como Canto, está bem



**NJINGA A MBANDE
CONSEGUE TERCEIRO LUGAR**

O Njinga a Mbande (10º) reclamou também estar entre os competitivos, mesmo já tendo como segura “as bonanças da condição de afectado pela chuva”. Ora, a organização, naturalmente, conhecendo o grande engajamento deste grupo de Viana, muito também pela entrega elogiosa de Tony Mulato, achou sensato conceder-lhes o benefício da dúvida.



**RECREATIVO DO KILAMBA
JUSTIÇA FEITA**

Já com o domínio dos resultados, Poly não mediu palavras ao falar à imprensa, afirmando que este prémio que recebe não é mais do que a reposição da justiça da edição passada, na qual foi “injustiçado com o segundo lugar”. Poly entrou confiante na Nova Marginal, tanto que dançou sob chuva.

atribuída”, fala a respeito do vencedor. Entretanto, foi a canção do Kabocomeu a que mais lhe marcou, por razões que defende: “Kabocomeu é sempre Kabocomeu!”, porque, acrescenta, “o conteúdo e a forma remetem sempre para o antigamente”.

Guilherme Mampuya faz também um balanço positivo e, quanto ao painel do Njinga Mbande, diz ser merecida a pontuação relevante, que foi uma homenagem ao nosso satélite, não deixando de fora o do Mundo da Ilha, que considera “muito bem concebido”, tal como o do Recreativo do Kilamba. Aconselha, para as próximas edições, que haja mais atenção à criação dos painéis e à alegoria. “Os grupos estão a negligenciar a sua importância, tanto que uns não se importam com a estrutura e outros pecam pela pobreza de imaginação”.

**O “GÁS” QUE VEM
DAS OUTRAS PROVÍNCIAS**

Maringa, da Lunda Norte, Mayeta Itchiaka-Tchiaku, de Cabinda, Ovinjenje, do Huambo, Muteba, do Cuanza Sul e Bravos da Vitória da Catumbela, de Bneguela, foram os grupos convidados, oriundo de outras províncias, numa presença inaugural que se pretende assídua.

Jomo Fortunato, presidente da mesa do júri, salienta que a intenção de trazer grupos de outras províncias à Marginal de Luanda já vem sendo analisada faz algum tempo. Vendendo agora a sua concretização, sob comando de Carolina Cerqueira. Para o crítico, os grupos da Lunda Norte e Cabinda deram sugestões culturais que só completam ainda mais o Carnaval.

Quem foi à Nova Marginal não se esquecerá da exibição do grupo da Catumbela, em que Flay é o cantor. Foi a mostra clara de que o carnaval das províncias nada deve ao da capital, sendo também uma forma de injetar meios de evasão criativa, porque o de Luanda já anda saturado de tanto Semba. Precisa mesmo de um “novo gás”, como bem disse Maya Cool.

O União Mundo da Ilha contentou-se com o segundo lugar. Não que seja a posição desejada, ficando claro que, na próxima edição, tudo fará para ter de volta um título que, pelas vezes ganhou, é quase certo que lhes faça parte. António Custódio, presidente do Mundo da Ilha, foi nobre em reconhecer que os resultados espelham que o seu grupo deva trabalhar mais.



AGOSTINHO NARCISO | EDIÇÕES NOVEMBRO

DIRECTOR Manuel Sebastião esteve sempre presente e em muito contribuiu para o sucesso dos grupos nos três dias de desfile

“O QUE ESTÁ DECIDIDO, ESTÁ DECIDIDO”

Choveu forte no dia do desfile e a festa foi interrompida. Mas, no final das contas, todos saíram “beneficiados” pela enxurrada, que diminuiu a força competitiva do Entrudo principal. Manuel Sebastião e seu staff chegaram à conclusão, como forma de remediar a situação, que nenhum grupo descerá para a classe B, mesmo aqueles que não tenham sequer estado na pista. Só os que se exibiram por completo é que competiriam. Assim, difícil será a próxima edição, porque, em princípio, esta medida levará a que tenhamos cerca de 17 grupos a competir.

Os grupos União 54, União Juventude do Kapalanga, União Njinga a Mbande, União 10 de Dezembro, que foram os grandes penalizados, vão receber um subsídio, ainda não estipulado. Os restantes competiriam para apuramento às classificações cimeiras. Mas não foi assim tão simples.

Esta medida afastaria logo o Njinga a Mbande da possibilidade de estar entre os três primeiros, o que só favorecia ao Kiela, que viu como certa a sua presença no pódio. Aliás, era pouco esperado que, mesmo não sendo tomada a decisão de todos se manterem, o Njinga a Mbande conseguisse a pontuação desejada, visto que foi durante a actuação deste que a chuva se intensificou, a ponto até de alguns membros do júri terem abandonado a pista, o que levou à interrupção, anulando já a possibilidade dos outros dois desfilarem.

A seguir este raciocínio, o Kiela não viu mal nenhum que o Njinga a Mbande (10º) reclamasse também estar entre os competitivos, mesmo já tendo como segura “as bonanças da condição de afectado pela chuva”. Ora, a organização, naturalmente, conhecendo o grande engajamento deste grupo de Viana, muito também pela entrega elogiosa de Tony Mulato, achou sensato conceder-lhes o benefício da dúvida.

“Se eles querem tentar, seja o que Deus quiser”, justificava Manuel Sebastião, passando por cima do sétimo, do oitavo e do nono, certamente conformados. Estava em causa o pedido do décimo concorrente.

Perante uma incomum segurança manifestada pelo Njinga a Mbande, por tudo apontar saírem dali com um resultado humilhante, a julgar pelo calibre que hoje granjeia, Kiela e outros não viram mal nenhum.

Os contornos desta “bondade” vieram a mostrar-se indigestos durante a apresentação dos resultados, que a uns deixou boquiabertos e a outros fez sair do tino. Assim, aquela simples e invulgar segurança do Njinga a Mbande já se ia tornando fonte de hostis interrogações por parte de muitos membros de grupos carnavalescos, que se sentiram “usurpados”, principalmente, o Kiela, na pessoa da comandante Maravilha. Este não mediu palavras e exigiu “a demissão total do júri”, por, acusava, “beneficiar sempre os mesmos”.

Esta “novela”, toda passada quinta-feira última, na LASP, tinha chegado ao clímax, porque era hora de ver a verdade. Foi preciso, antes da divulgação dos resultados, que efectivos da Polícia Nacional também estivessem presentes, tudo porque o clima se mostrava ofensivo. Membros do Operário Kabocomeu, como gesto de repúdio, iam abandonando a sala, exigindo também “a demissão do júri”.

Na qualidade de presidente da mesa do júri, Jomo Fortunato teve a corajosa missão de ler o seguinte: “União Recreativo do Kilamba, vencedor com 842 pontos; União Mundo da Ilha, segundo classificado (840); União Njinga a Mbande, terceiro classificado (804). A sala agita-se toda, obrigando a que membros da Polícia impedissem Maravilha de passar das palavras ao acto. Continuando, o União Kiela, obviamente, ficou em quarto lugar (796), deixando o quinto lugar para o Kabocomeu (714). A tudo isto, Maravilha dizia: “Não aceitem, Kabocomeu, vocês saíram em quarto e nós em terceiro”.

A tentar explicar a situação, no sentido de apaziguar a ira, Manuel Sebastião defendeu que a decisão do júri é inapelável. “O que está decidido, está decidido”, impunha.

Maravilha viu-se abandonada. Tinha de engolir a dor, não tinha outra alternativa. Já mais calma, muito depois de quase todos saírem, lá estava ela a trocar “mimos” com Manuel Sebastião, que a aconselhava a vir mais forte. E assim foi-se embora no seu Rav 4, para, quem sabe, fazer desta “fúria de vencer”, agora provocada por este episódio algo incoerente, uma força extra na edição de 2019, que esperamos expectantes.



CHUVA NA NOVA MARGINAL NINGUÉM ESCAPOU

A água corria toda até à Nova Marginal, tirando-lhe, coitada, a pompa que tenta manter. Deu para perceber que toda a água da cidade desagua na Baixa, e não houve quem tivesse ficado impune à raiva da chuva. Só resta dizer que é "obra da natureza", este consolo hilariante que todos isenta.



VENTO FORTE DESCOORDENAÇÃO TOTAL ENTRE OS PRESENTES

O local ficou totalmente descoordenado. Houve até tendas que não resistiram à força do vento. O vento era tão forte, que chegou um momento que já não deu para aguentar mais, obrigando a todos uma saída in extremis. Nunca mais Luanda teve o azar de ter uma chuva assim.

CRÓNICA

FRANCISCO BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Chuva, o carrasco da nossa urbanidade

Era bom que ela marcasse a hora das suas visitas bruscas, como se de um hóspede se tratasse. Mas, e diplomacias à parte, estamos todos de acordo que a visita não é mesmo bem-vinda, pelo menos para a nossa capital



Matadi Makola

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Uns chamam-na "a última fiscalizadora", tudo porque destaca problemas sem tabus e com uma coragem e imparcialidade ímpares. Uma balança que não pesa nem a favor de gregos, nem de troianos. A imprensa local ganha vulto quando este "fiscal entra em campo", porque é mais do que sabido que a urbanidade é ultra sensível à sua presença. Respira-se de alívio quando escasseiam as suas visitas, normalmente, portadoras ou geradoras de muitas más notícias, que vão da queda de um poste à morte de um cidadão, abalando toda uma cidade que não pode, por amor aos seus utentes, manter-se indiferente diante

da dor de uma ou mais famílias.

Era bom que ela marcasse a hora das suas visitas bruscas, como se de um hóspede desejado se tratasse. Bem, e diplomacias à parte, estamos todos de acordo que a visita não é mesmo bem-vinda, pelo menos ainda. Porque a nossa cidade continua vulnerável e representa sempre um grande embaraço. Não sejamos hipócritas; admitamos que Luanda é seguramente cidade apenas no cacimbo. No verão, não é seguro, para rigor e honestidade de quem apregoa, afirmar que é uma cidade, porque é um conceito com duração efémera, que pode ser visto como um delírio circunstancial, destes ainda perdoáveis, por virem encobertos pelo direito à excentricidade.

E ele, o carrasco, caiu bem, no início da noite do dia do Carnaval. Aí na



**UNIÃO MUNDO DA ILHA
IMAGINAÇÃO POPULAR**

Porque a culpa não morre solteira, a prodigiosa imaginação popular tratou logo de produzir a sua maculada versão, apropriada para adoçar o despique, quiçá. Dizia o povo à boca pequena que foi um castigo do União Mundo da Ilha, por algum grupo ter tomado a drástica petulância de comparar-se a ele.



**MAKA GRANDE
TRÂNSITO INVIABILIZADO**

No Eixo Viário, a maka era grande. Naquela rotunda, um acidente dificultava o trânsito. No curso dividido entre a Igreja da Nazaré e a Faculdade de Economia, uma tampa também saltara do lugar e as outras que ainda estavam presas já não garantiam segurança, o que exigiu muita atenção dos automobilistas.

rua entre os prédios do CIF e Banco Económico, uma das tampas da sarjeta saltara, o lixo, arrastado pela água, viu-se convidado a sair do “cativeiro” e tomar a rua. À excepção das poucas vias da Cidade Alta, a julgar pela sua “folgada” posição geográfica, poucas são as que não tenham ficado drasticamente afectadas pela chuva, que arrastava areia, latas vazias de bebida, pedras, paus e etc.

Um pouco mais para baixo, frontal ao BNA, o Museu da Moeda, o Monumento do Soldado Desconhecido, a água era tanta, que nenhum carro passava, um cenário já por demais conhecido. Azar de quem a chuva a apanhou ali, vendo a água a tomar tudo em poucos minutos, sobrando-lhe somente rezar para que o carro saia dali ainda funcional, porque a água chega até ao nível do capô, familiarizando-se à vontade com o motor. Porque até agora ainda ninguém assumiu as culpas disto, e só resta dizer que é “obra da natureza”, este consolo hilariante que todos isenta.

No Eixo Viário, a maka era grande. Naquela rotunda, um acidente dificultava o trânsito. No curso dividido entre a Igreja da Nazaré e a Faculdade de Economia, uma tampa também saltara do lugar e as outras que ainda estavam presas já não garantiam segurança, o que exigiu muita atenção dos automobilistas. Lá mais para cima, junto à parede da Embaixada Americana, no sentido de quem passa a Maternidade Ngangula e desce o Miramar, para chegar à Angoship, uma árvore foi derrubada pela ventania, causando complicação no trânsito, até na manhã seguinte.

Os carros, alguns, não conseguiam travar a força da corrente. Por ser um local seguro, uns paravam e ligavam os intermitentes, forçados a uma quase prisão domiciliar dentro da viatura, certamente apreensivos por pensarem na dor de cabeça que será tentar entrar pelos muitos bairros que ganham vida mal se deixa o prédio do Livro do São Paulo ou como as crianças que estão em casa estão a se desenrascar, porque basta haver chuva para se ter a certeza que a luz “vai tirar o pé”. Ou como irão, sob a chuva, chegar até a casa, se as ruas principais apresentam grandes baixas na iluminação, como, por exemplo, muito já se tem reclamado da Via Expresso, que percorre a Nova Urbanização, em Cacucaco, que tem sido um “calvário” para quem sai do Sequele ou quem deseja chegar ao Zango e Kilamba.

Por essa opção, estes têm a vantagem de não poderem parar e ligar os intermitentes, porque a zona não oferece mesmo segurança. Para quem passou por essas no dia da chuva, ainda mais para lá das 21h, só lhes restou aguentar, porque, dos lados da Nova Urbanização, a administração de Cacucaco ainda não oferece competentemente aos seus habitantes es-



DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

ENTRUDO Na disputa do grande título provincial da edição 2018, houve uma clara e renhida exibição entre os concorrentes

te tipo de “mordomias” complementares: segurança e iluminação.

IMPRESA NO CARNAVAL

A água corria toda até à Nova Marginal, tirando-lhe, coitada, a pompa que tenta manter. Os carros, só os que custam os olhos da cara, 4X4-VGR-5.7-V8 e mais alguma dose de força, é que “simpatizam” com as enxurradas, porque os alcançáveis 1.2 não se arriscam a estas desventuras, tão pouco perseguir proezas com um vulgar “acaba de me matar”. Até porque, a julgar pelos preços, que estão três a quatro vezes mais caros em moeda nacional, sábio é quem segue o conselho que dita que “mais vale um na mão do que dois a voar”.

Deu para perceber que toda a água da cidade desagua na Baixa, e não houve quem tivesse ficado impune à raiua da chuva, sabe-se lá por qual razão. Muitos, ao subirem aquela via que dá para a Cidade Alta, com a água da chuva quase ao joelho, não tiveram dúvidas em admitir, na hora, que nunca mais Luanda teve o azar de uma chuva assim. O local ficou totalmente descoordenado. Houve até tendas que não resistiram à força do vento, que abrigou os jornalistas, da Angop, O País, Edições Novembro, Rádio Nacional de Angola, MFM, a procurarem por lugares mais seguros, já que todos estavam apreensivos diante do perigo que estava à espreita, não fosse a oportuna intervenção de Job (da Edições Novembro), que remediou a situação por algum tempo, fazendo contra-peso a

uma das pernas da tenda. Mas o vento era tão forte, que chegou um momento que já não deu para aguentar mais, obrigando a todos uma saída in extremis, quando já a outra perna da tenda tinha fugido da mesa de apoio e os colegas da Angop tudo fizeram para ganhar pelo menos tempo para todos saírem daquele sufoco, evitando assim o pior, dado que havia cabos condutores de corrente eléctrica.

Os efectivos da Polícia Nacional, Protecção Civil e Bombeiros, que até antes da chuva estavam ali a dar o ar das sua graça na Nova Marginal, para manter o rigor e zelarem pela segurança do Carnaval, mostraram-se insuficientes no controlo da situação, nu-

ma altura em que se esperava que garantissem prontidão, para ajudar a dispersar a população ou dar indicações de medidas de segurança. Nada! Todos eramos todos! Sobrou somente efectivos afectos à Viação e Trânsito, que não faziam mais do que controlar a entrada dos parques A e B, quando as pessoas estavam aflitas e nem sabiam bem como se dirigirem, porque a água era tanta, que cobriu o asfalto e não dava margem para garantir certeza se a pessoa estava a pisar no asfalto ou num esgoto sem tampa. A caminhada até ao parque transformouse num verdadeiro jogo de azar e de sorte.

Porque a culpa não morre solteira, a prodigiosa imaginação popular tratou logo de produzir a sua maculada versão, apropriada para adoçar o despique, quiçá. Dizia o povo à boca pequena que foi um castigo do União Mundo da Ilha, por algum grupo ter tomado a drástica petulância de comparar-se a ele, até agora de poder solitário, de sua total e inquestionável pertença. Azar de quem não mediu as consequências e desta Luanda

que foi, afinal, o mero capim na luta de elefantes, melhor: na disputa do grande título provincial da edição 2018, numa clara e renhida disputa com o União Recreativo do Kilamba, sob comando do destemido Poly Rocha, uma figura que vai marcando singularmente o Entrudo luandense, embora o União Njinga Mbande esteja a mover céus e terras para garantir uma posição cómoda que lhe permita “caçumbular” o título, em caso de um ou outro abrir uma brecha. Assim, parece que a culpa é de quem ousou duvidar da grandeza espiritual do Mundo da Ilha e da sua privilegiada posição no controlo das valências do cosmopolitismo luandense, demonstrando, deste modo, ser portador de ínfima inteligência. Porque, sejamos sinceros: água não falta ao Mundo da Ilha. E como vimos! Como Luanda ficou fustigada!

Mas é tudo brincadeira; é tudo carnaval. Porque, um dia antes, Luanda “padecia” de um calor irritante, um sintoma que ninguém leu como prenúncio de chuva, para que talvez assim fôssemos mais preparados à festa. Haja ciência!

A água corria toda até à Nova Marginal, tirando-lhe, coitada, a pompa que tenta manter. Os carros, só os que custam os olhos da cara, 4X4-VGR-5.7-V8 e mais alguma dose de força, é que “simpatizam” com a enxurrada, porque os alcançáveis 1.2 nem tentam perseguir proezas com um vulgar “acaba de me matar”.



DANÇAS DO CARNAVAL ILHÉUS DERAM INÍCIO

Roldão Ferreira considera que o carnaval e as suas danças sempre tiveram "maior pujança na faixa litoral ou, seja, no seio dos ilhéus. Isto, em parte, deveu-se ao Zau e Nzeto que são os Cabindas e os Solongos. Eles transportaram para os Axiluanda a dança Muwala com a acção rítmica Semba...



ROLDÃO FERREIRA O APARECIMENTO DA PRIMEIRA KAZUCUTA

"A primeira Kazukuta que apareceu era de João Belo e integravam-na operários navegantes. João Belo foi o dinamizador, formando a União, como eram chamados os grupos carnavalescos antigamente. Era negro angolano, nascido onde foi construída a rua Sá da Bandeira".

HISTÓRIA

EDIÇÕES NOVEMBRO

Antigamente no carnaval: danças, rituais e foliões

Os colonos portugueses conseguiram introduzir, nos diferentes grupos, trajes e figuras europeias. A saia, denominada varina, longa e franzida, passou a fazer parte desta festa.

Rosalina Mateta

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Quantos foliões do nosso carnaval de hoje conheceram ou ao menos ouviram falar do Domínio, Cidrália e Invejados? Estas são denominações carnavalescas angolanas que fizeram furor nos anos 40, abrindo caminho, na Marginal colonial, para esta festa popular que, na verdade, começou muito antes do domínio português.

De acordo com Roldão Ferreira, um investigador do Carnaval angolano, esta manifestação cultural terá ganhado maior destaque no dia 15 de Agosto de 1648, por ocasião da restauração da antiga cidade de Loanda, depois da vitória imposta aos holandeses por Salvador Correia de Sá e Benevides. O que levou os autóctones a saírem à rua mascarados e com danças carnavalescos.

"Mas, cá, o carnaval sempre foi tido como manifestação cultural, mais propriamente para celebrar o fim de colheitas agrícolas", explicou

O autor do livro "Carnaval, a maior festa do povo angolano" adiantou que, muito antes dos colonizadores portugueses chegarem a Angola, já se dançava ao Carnaval.

"Só que não se denominava assim. Até que o nosso colonizador surge, em 1900, e traz consigo as festividades do Carnaval para eles irem brincando... Mas já o encontraram. Tínhamos as danças dos mascarados", esclareceu.

Em 1920, a Kazukuta trouxe a essência da angolanidade ao Carnaval, dançada, no Musseque Braga (Maculusso) e não só, onde apareceram vários grupos com este estilo de e denominação.

"A primeira Kazukuta que apareceu era de João Belo e integravam-na operários navegantes. João Belo foi o dinamizador, formando a União, como eram chamados os grupos carnavalescos antigamente. Era negro angolano, nascido onde foi construída a rua Sá da Bandeira", contou Roldão Ferreira. Observou que estas uniões começaram a dançar o Semba, com uma rítmica mais acelerada, mas sem classificação no Carnaval.

Depois, surgem no Carnaval a Kabetula e a Dizanda, trazidas pelas uniões das localidades que actualmente circunscrevem a província do Bengo.

ORIGEM DAS DANÇAS DE CARNAVAL

Roldão Ferreira considera que o carnaval e as suas danças sempre tiveram "maior pujança na faixa litoral ou, seja, no seio dos ilhéus. Isto, em parte, deveu-se ao Zau e Nzeto que são os Cabindas e os Solongos. Eles transportaram para os Axiluanda a dança Muwala com a acção rítmica Semba...É





NASCIMENTO DO SEMBA ÓBITOS E MUWALA FORTALECEM AS DANÇAS

Os óbitos, outra forma de expressarmos a nossa cultura, também ajudaram a compor e fortalecer as danças carnavalescas. Aquela mistura de danças e a Muwala que os cabindenses trouxeram deu origem a acção rítmica denominada Semba. Portanto, começou precisamente na Ilha de Luanda.



CARNAVAL DO BRASIL DIFERENÇAS ENTRE ESTADOS

"Tornar o carnaval nacional em competição não dá. O Brasil não conseguiu fazê-lo, por que o Carnaval do Rio é diferente do que se dança em S. Paulo... O grupo de Cabinda tem um dançar diferente. Agora, quero ver quem são os membros do corpo de jurado que entendem... e é muita sorte que não colocaram a Lunda..."

preciso que tenhamos em linha de conta que esta Ilha de Luanda floresceu muito mais por causa destes povos...", aludiu.

Como investigador do Carnaval angolano e conhecedor da história de Luanda, Roldão Ferreira ainda dá às etnias acima citadas o mérito de terem trazido a dança Maringa, que deu origem à Massemba.

"Tudo isto é proveniente do Norte, principalmente, de Cabinda. É importante que não deturpemos a História", recomendou.

Os óbitos, outra forma de expressarmos a nossa cultura, também ajudaram a compor e fortalecer as danças carnavalescas. Segundo Roldão Ferreira, quando acontecesse um infortúnio na Ilha, lá estavam os habitantes dos Musseques Kamama, Kapari e Mulenvos e levavam as suas danças espíritas. "Aquela mistura de danças e a Muwala que os cabindenses trouxeram deu origem a acção rítmica denominada Semba. Portanto, começou precisamente na Ilha de Luanda", esclareceu.

"O grupo Dominó era composto só por mulheres angolanas. Elas trajavam-se de branco da cabeça aos pés, inclusive forravam a cara para não serem reconhecidas... Elas representavam almas de outro mundo ... Então, as almas a gente não vê a cara... Aquelas mulheres brincavam de rua em rua, fazendo prece aos antepassados, para que protegessem o Carnaval durante os dias de folia."

TRAJES E FIGURAS IMPORTADOS

Os colonos portugueses conseguiram introduzir, nos diferentes grupos, trajes e figuras europeias. A saia, denominada varina, longa e franzida, passou a fazer parte desta festa. Do mesmo modo que as figuras do marinheiro e a enfermeira, por exemplo, passaram a desfilar na Marginal. "A indumentária varina era uma cópia fiel dos trajes do Norte de Portugal e estava destinada à Corte caricaturada pelos carnavalescos angolanos", explicou.

À corte juntavam-se os gentios como acompanhantes. Estes mascaravam-se, pintando o corpo, e vestiam-se de saias de Ndalú (ráfia de embondeiro). A rainha era a chefe da corte, secundada pelo rei. A seguir, vinha a princesa e a enfermeira, que tinha a função de atender somente à corte.

"A enfermeira era a primeira socorrista, caso ocorresse qualquer si-

tução. As vezes, havia rainhas que caíam desmaiadas de emoção e alegria. Assim, a socorrista já estava munida de alguns remédios, entre eles o amoníaco, que, devido ao seu cheiro forte, ajudava a recuperar do desmaio", disse Roldão Ferreira.

DOMINÓ, CIDRÁLIA E INVEJADOS

O grupo Dominó surge por iniciativa de Idalina Costa, uma incontornável figura dos bailes de Luanda do antigamente.

"O grupo Dominó era composto só por mulheres angolanas. Elas trajavam-se de branco da cabeça aos pés, inclusive forravam a cara para não serem reconhecidas... Elas representavam almas de outro mundo ... Então, as almas a gente não vê a cara... Aquelas mulheres brincavam de rua em rua, fazendo prece aos antepassados, para que protegessem o Carnaval durante os dias de folia. Começavam a brincar ao Carnaval às 12 e terminavam às 18 horas...", contou.

De acordo com este pesquisador do Carnaval, a maior parte das mulheres que integravam o Dominó dançavam nos grupos Cidrália e Invejados. Do primeiro grupo, Roldão Ferreira destacou figuras como Maria Laura de Fontes Pereira (mamã Lala), Esperança Carlos e Idalina Costa. Em ambos os grupos, predominava a dança Semba.

"A Cidrália dançava um Semba de marcha lenta, ao passo que os Invejados tinham uma acção rítmica mais acelerada...", descreveu.

Na época, estes grupos exaltaram a cultura angolana, impuseram-se às apertadas leis coloniais e serviram para despertar consciências. Porém, desapareceram em 1963, dando lugar às turmas que fizeram "barulho" de 1964 a 1974. Depois, registou-se uma paralisação até 1978, já com Angola independente.

Assim, em 1978, por orientação do Presidente António Agostinho Neto, dançou-se o primeiro Carnaval, denominado "Carnaval da Vitória". Grupos antigos, como o Kabocomeu, ressurgiram e novos grupos nasceram. Apesar das inovações, as danças e a estrutura dos grupos mantiveram-se, tal como no passado. "Os gentios saem na frente, seguidos pela corte e as alas masculina e feminina", descreveu Roldão Ferreira.

RITUAIS E MÍSTICA NA VÉSPERA DO DESFILE

Segundo Roldão Ferreira, durante o Carnaval, "desapareciam muitas pessoas...". Por conta disto, os gentios saíam da sua zona de conforto e iam em busca de protecção para os quatro dias de folia.

"No sábado gordo, os gentios mascaravam-se (pintavam-se, colocavam na cabeça chapéus de penas, como índios, e trajavam saias de ráfia) e, com os percussionistas, procuravam pela árvore mais frondosa, geralmente um em-



PAULINO DAMIÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

INVESTIGADOR Realça que, desde o passado, o carnaval sempre foi tido como manifestação cultural

bondeiro. Pernoitavam ali, melhor se fosse ao lado de uma lagoa, por causa do kilamba (uma espécie de espírito da água), que é o pai dos kitutas. Ao kilamba, os gentios faziam a prece, dançando, e os percussionistas passavam a noite inteira a tocar as ngomas e as caixas. O que os gentios pediam era protecção aos bailarinos, para que não acontecessem tantos periclitamentos no Carnaval", detalhou.

Cumprido o ritual, as cinco da manhã do dia seguinte, os gentios diri-

giam-se às casas dos elementos mais importantes do grupo, rainha, rei e princesa. A seguir, todos juntos, saíam já a dançar o Carnaval.

MUSEU ESCOLA DO CARNAVAL DE ANGOLA

Roldão Ferreira homem de cultura, investigador e actualmente comentador do nosso carnaval na TPA, pretende criar um museu

escola do carnaval de Angola. É com tristeza que observa que há poucas pessoas a flar e a investigar sobre o nosso carnaval. Apesar de já ter publicado a obra "Carnaval, a maior festa do povo angolano", este conhecedor de muitas histórias sobre Luanda antiga deseja trabalhar ainda para deixar às gerações vindouras um acervo carnavalesco rico.

PAULINO DAMIÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO



ENTRUDO Maior parte das mulheres que integravam o Dominó dançavam nos grupos Cidrália e Invejados

TAXA DE LIMPEZA DE LUANDA

EMPRESAS E CONDOMÍNIOS:

-Transferência Bancária ou
Internet Banking nos Bancos

KEVE, BFA, BAI, BNI E FINIBANCO

-Depósito no BCI, Conta nº

3995701710001 (Apresentar comprovativo / GPL)

Telf: 947 423 911 e 996 577 545

PAULO MIRANDA Jr.

**PAGUE JÁ A TAXA DE LIMPEZA
E CONTRIBUA PARA A BELEZA DA NOSSA PROVÍNCIA**

Linhas de Apoio do GPL

923166757

226426242

whatsapp

995237464

ROTA AMBIENTAL AMIGA DE CACUACO E DO SEU BEM-ESTAR.



AJUDE O TRABALHO DA ROTA, FACILITE O ACESSO DO CAMIÃO E DA EQUIPA DE COLECTA. TODOS SÓ TÊM A GANHAR.

LUGAR DE LIXO É NO CONTENTOR. FAÇA SUA PARTE!

ROTA
Ambiental



KALAWENDA INFRA-ESTRUTURAS CONCLUÍDAS

No Distrito Urbano do Kalawenda, município do Cazenga, 80 ou 90 por cento das infra-estruturas, como os arruamentos, iluminação pública, drenagem, e os equipamentos sociais, como escola, centro de saúde e SIAC, estão concluídos.



BENTO SOITO RECONVERSÃO DO CAZENGA E SAMBIZANGA

"A obra de habitação social ficou interrompida por causa das dificuldades económicas. Pensamos que, com a visita, o Presidente da República, que tomou conhecimento desta realidade, conseguirá ajudar naquilo que são as alternativas para o prosseguimento do projecto".

TRABALHO DE CAMPO

FRANCISCO BERNARDO E KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO

Chefe do Executivo radiografa infra-estruturas da capital

Queixas de munícipes e escolas fechadas fizeram parte do cenário



Nilza Massango

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Os moradores do município do Cazenga, exactamente da 5ª Avenida, acreditam que, depois da visita do Presidente da República, João Lourenço, à província de Luanda, as coisas vão começar a funcionar como deve ser.

António Manuel vive no Cazenga há quase 30 anos e disse que o Presidente constatou um pouco da realidade do seu município.

"Ele viu as nossas ruas esburacadas, escolas fechadas, centros de saúde e obras por acabar. Quanto a isto, penso que não tem como passar indiferente. Por isso, acreditamos que as coisas vão melhorar", afirmou o morador, envolvido por uma multidão que queria certificar-se de que era mes-

mo João Lourenço no Cazenga.

A moradora Lucinda Caculo não pede muito, senão ver a 5ª Avenida completamente reabilitada, com saneamento básico aceitável e o fim dos buracos, dos esgotos rebentados, dos lamaçais e da poeira.

"Queremos ruas asfaltadas, com iluminação pública e um sistema de drenagem das águas a funcionar", clamou a senhora Lucinda.

ESCOLA FECHADA

Cazenga tem uma escola nova do Primeiro e Segundo Ciclos, toda equipada, com 28 salas de aula, para 45 alunos cada, carteiras e quadros. Mas não se sabe ao certo se abrirá as portas este ano lectivo. A verdade é que a escola está pronta para arrancar e, se isso acontecer, vai permitir o enquadramento de 3.780 alunos, mais da metade dos sete mil e

quatro que estão fora do sistema de ensino no município.

Localizada no Distrito Urbano do Kalawenda, a escola foi construída no âmbito da primeira fase de requalificação do Cazenga. É uma grande infra-estrutura. No primeiro piso, estão as salas de aula, entre a quais, de Educação Laboral, Ensino Musical e Informática. No rés-do-chão, indicada para área administrativa, estão os laboratórios de Química, Física, Biologia, Biblioteca, Refeitório, balneários, anfiteatro e outras repartições. O edifício escolar tem energia eléctrica e água corrente e até um elevador funcional. A reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano*, fez questão de usá-lo.

Ainda no âmbito da primeira fase de requalificação do Cazenga, sob responsabilidade do Gabinete Técnico de Reversão Urbana do Cazenga e

FRANCISCO BERNARDO E KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO



EDUCAÇÃO Cazenga tem um novo edifício escolar



JORNADA DE TRABALHO REQUALIFICAÇÃO E PERÍMETRO COSTEIRO

A jornada do Presidente da República começou na Escola Primária 1077, no bairro Cassequel do Buraco. A instituição foi requalificada. João Lourenço visitou também a obra de reconversão do perímetro costeiro do Futungo de Belas.



CENTRO DE SAÚDE SERVIÇOS DISPONÍVEIS

O centro de saúde é espaçoso, com capacidade para internamento de 30 pacientes. Tem, entre outros serviços, Maternidade, Estomatologia, Terapia, Vacina, Tratamento de Tuberculose, Análises Clínicas, Oftalmologia, Ginecologia, Cirurgia e Pediatria.

Sambizanga, foi construído um centro de saúde e um SIAC que ficam a escassos metros de distância da escola. As duas infra-estruturas estão concluídas, prontas para servir à população. Mas não funcionam.

O centro de saúde é espaçoso, com capacidade para internamento de 30 pacientes. Tem, entre outros serviços, Maternidade, Estomatologia, Terapia, Vacina, Tratamento de Tuberculose, Análises Clínicas, Oftalmologia, Odontologia, Cirurgia, Ginecologia e Pediatria.

O director do Gabinete Técnico de Reconversão Urbana do Cazenga e Sambizanga, Bento Soito, disse que 80 ou 90 por cento das infra-estruturas naquela urbanização, como os arruamentos, iluminação pública, drenagem, e os equipamentos sociais, como escola, centro de saúde e SIAC, estão concluídos.

Bento Soito adiantou que as obras para habitação estão mais atrasadas. Apenas há oito edifícios de quatro pisos concluídos. Cada um tem 16 apartamentos. Também estão concluídas cerca de 150 habitações unifamiliar.

O director Bento Soito explicou que, por causa da actual situação económica no país, as obras estão praticamente paradas. Mas existem cerca de 30 edifícios erguidos, que não entraram sequer em fase de acabamento.

“A obra de habitação social ficou interrompida por causa das dificuldades económicas que todos conhecemos. Pensamos que, com a visita, o Presidente da República, que tomou conhecimento desta realidade, conseguirá ajudar naquilo que são as expectativas e as alternativas para prosseguimento do projecto”, referiu.

RECOMENDAÇÕES PARA LUANDA

Foram dois dias de trabalho, à província, do Presidente da República. No primeiro visitou determinados municípios, e no segundo, João Lourenço presidiu a uma reunião, na qual recomendou a rápida conclusão de equipamentos sociais ligados à educação, saúde e habitação, para que sirvam de imediato os cidadãos.

Na reunião, que aconteceu no salão nobre do Governo da Província de Luanda, o mais alto mandatário da Nação recomendou, igualmente, a conclusão das obras relacionadas à macrodrenagem da província, com vista a melhorar o saneamento básico, a alteração do actual modelo de recolha de resíduos sólidos, tornando-o mais rentável para os cofres do Estado e num negócio em que os municípios possam beneficiar dos seus subprodutos, como energia, papel reciclado, adubos e fertilizantes para a agricultura.

A jornada de trabalho do Presidente da República a Luanda começou na Escola Primária 1077, no bairro Cassequel do Buraco. A instituição foi requalificada, tem 12 salas de aulas, com

capacidade para 45 alunos em cada uma delas. No total, a escola vai permitir que 1600 crianças da zona frequentem as aulas.

A vala do Cazenga/Cariango, que está em obras, mereceu também a atenção do Chefe de Estado. O senhor Presidente subiu a um pequeno palanque, para ver em que estado estava o canal, que, ao invés de ser apenas para águas residuais, tem sido usado para depósito de lixo.

O Presidente da República visitou também as obras de reconversão do perímetro costeiro do Futungo de Belas, que está sob alçada do Gabi-

“Ele viu as nossas ruas esburacadas, escolas fechadas, centros de saúde e obras por acabar. Quanto a isto, penso que não tem como passar indiferente. Por isso, acreditamos que as coisas vão melhorar”

nete Técnico da Gestão da Requalificação e Desenvolvimento Urbano do Perímetro Costeiro do Futungo de Belas e Mussulo.

A visita estendeu-se ainda à centralidade do KK 5000, onde, em tempo de chuvas, nove edifícios têm ficado completamente inundados. Por isso, até agora não foram ainda comercializados. Na visita a Luanda, de aproximadamente cinco horas, João Lourenço também esteve no Zango.



REUNIÃO João Lourenço informado dos entraves colocados à governação em Luanda

INTERFERÊNCIAS NA GESTÃO DO GPL

Era tudo ou nada. Na abertura da reunião, presidida pelo Presidente da República, o governador de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, tirou para fora todos os problemas e inquietações que a província enfrenta. Até mesmo situações que designou de “bloqueio” à actividade normal dos órgãos e instituições da província.

No Salão Nobre, Adriano Mendes de Carvalho disse que o Governo da Província de Luanda detém, no país, o maior grau de interferência e de intromissão nos seus assuntos e competências.

O governante mencionou que algumas receitas de impostos e taxas arrecadadas e com participação não chegam aos cofres do GPL, como é o caso de pólos industriais. Referiu ainda que a gestão da rede de semáforos não está sob controlo da província e que activos patrimoniais, imobiliários mais valiosos da província, foram entregues a custo zero a gabinetes de desenvolvimento que não dependem do GPL. Disse ainda que alguns departamentos ministeriais absorvem funções provinciais.

NM



ESPERANÇA Municípios de Luanda acreditam que as coisas vão funcionar como deve ser depois da visita do Presidente da República



ACESSO ÀS GRUTAS PERIGO E SURPRESAS

Para aceder às grutas é necessário estar ciente de que é uma aventura bem planeada, com alguém que conheça o local. Se não forem observadas medidas de segurança, o acesso é perigoso e cheio de surpresas. A caminhada de quase três quilómetros, até alcançar a zona de entrada, pode acabar mal.



TARTARUGAS MARINHAS COMUNIDADE APOIA PRESERVAÇÃO

A destruição dos ninhos para o comércio e consumo dos ovos, circulação automóvel em área de desovação, poluição das praias com lixo urbano e industrial, derrames de petróleo e produção de ruídos, são as principais ameaças à preservação das tartarugas.

CABO LEDO

EDUARDO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Pólo Turístico desenvolve atraso de cinco anos

Cinco anos depois do início do processo de planeamento, a ausência das principais infra-estruturas, para potencializar os investimentos, ainda é uma realidade.



Adalberto Ceita

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Localizado a 120 quilómetros de Luanda, num perímetro de 3.090 hectares, o Pólo de Desenvolvimento Turístico de Cabo Ledo tem, na beleza das suas praias e na proximidade com a capital do país, o seu ponto forte. Contudo, a ausência de redes de abastecimento de água, electricidade e saneamento básico têm estado a adiar um conjunto de iniciativas, que visam fomentar o turismo com objectivos bem definidos e um planeamento adequado.

Cinco anos depois do início do processo de planeamento do vasto perímetro de actuação do Pólo de Desenvolvimento Turístico de Cabo Ledo, no município da Quiçama, província de Luanda, a ausência das principais infra-estruturas, para potencializar os investimentos, ainda é uma realidade.

“A crise económico-financeira vigente no país desde 2014 provocou estrangulamentos em torno do cronograma sequencial e adiou a dinâmica de planificação e, consequentemente, a implementação de inúmeros investimentos, que hoje seriam auto-sustentáveis”, disse o director geral do gabinete de gestão do projecto, Lucrécio Mangureira.

A ser concebido em três fases, conforme plano inicial, os primeiros investimentos de grande envergadura, no Pólo de Desenvolvimento Turístico de Cabo Ledo, deveriam iniciar em 2017, com a conclusão da primeira fase prevista para 2020. A par das redes de abastecimento de água, electricidade e saneamento básico, no conjunto de infra-estruturas públicas previstas, incluem-se o loteamento dos terrenos, pavimentação dos arruamentos urbanos, sistema de recolha e tratamento do lixo e telecomunicações.

A quebra do plano de tarefas, diz Lucrécio Mangureira, coloca em causa a previsão de criação de 40 mil empregos, em 10 anos. O responsável referiu que o turismo é muito mais abrangente que a construção de hotéis e restaurantes. Para dar força às suas palavras, o gestor justifica que a construção de um parque de campismo, blocos turísticos residenciais, um resort de golfe, vilas de comércio de rua e a requalificação do Bairro dos Pescadores, na zona envolvente, integram o plano inicialmente concebido, cujo orçamento global previsto ronda os três mil milhões de dólares.

“Queremos dar a este lugar um cariz, fundamentalmente, ecológico e explorar ao máximo a diversidade de atractivos e maravilhas da natureza, inclusive a vulgarmente conhecida “Gruta do Cabo”, assegurou.

Ao longo da orla marítima do Pólo de Desenvolvimento Turístico de Cabo Ledo, são visíveis, por exemplo, a reserva especial de surf e a de preser-



**LUCRÉCIO MANGUEIRA
PARCERIA PÚBLICA PRIVADA
PLANO DE TAREFAS**

“Como é óbvio, o Estado delimita as políticas e cria as condições para reduzir ao máximo os custos dos investidores privados, de quem esperamos projectos credíveis e que ajudem, efectivamente, no desenvolvimento do pólo turístico”.



**DIVERSOS ATRACTIVOS
BLOCOS TURÍSTICOS**

Ao longo da orla marítima do Pólo de Desenvolvimento Turístico de Cabo Ledo, são visíveis, por exemplo, a reserva especial de surf e os blocos turísticos, ambos muito procurados pelos turistas nacionais e estrangeiros. Este segmento, preferencialmente aos finais de semana, “invade” por completo as praias.

vação das tartarugas marinhas, ambas muito procuradas pelos turistas nacionais e estrangeiros, que “invadem” preferencialmente, aos finais de semana, por completo as praias.

Apreensivo com o tempo perdido, Lucrecio Mangureira anuncia, para este ano, o arranque das obras das infraestruturas básicas e garante que o objectivo agora passa também pelo ordenamento e melhoramento das condições existentes nos 3.090 hectares e o avanço de políticas de desenvolvimento sustentável do turismo.

O director geral do Gabinete de Gestão do Pólo de Desenvolvimento Turístico de Cabo Ledo apela, pois, ao investimento de iniciativa privada, salientando, porém, que o desenvolvimento sustentável assenta em três pilares fundamentais: energia, água e saneamento básico. “Como é óbvio, o Estado delimita as políticas e cria as condições para reduzir ao máximo os custos dos investidores privados, de quem esperamos projectos credíveis e que ajudem, efectivamente, no desenvolvimento do pólo turístico”, disse.

PRESERVAÇÃO DE TARTARUGAS

Em implementação desde 2003, o “Projecto Kitabanga” – conservação de tartarugas marinhas – está agora inserido numa área de actuação directa do Pólo de Desenvolvimento Turístico de Cabo Ledo.

O “Projecto Kitabanga”, afecto ao Departamento de Biologia da Faculdade de Ciências da Universidade Agostinho Neto, sob supervisão do Ministério do Ambiente, conta com docentes e estudantes universitários e o envolvimento de membros das comunidades locais.

O turismo é muito mais abrangente que a construção de hotéis e restaurantes. A construção de um parque de campismo, blocos turísticos residenciais, um resort de golfe, vilas de comércio de rua e a requalificação do Bairro dos Pescadores, na zona envolvente, integram o plano inicialmente concebido, cujo orçamento global previsto ronda os três mil milhões de dólares.

Ruben Mizalala, ambientalista, aponta a destruição dos ninhos para o comércio e consumo dos ovos, circulação automóvel em área de desova, poluição das praias com lixo urbano e industrial, derrames de petróleo e produção de ruídos e vibrações, como as principais ameaças à preservação das

Enquanto destino turístico, a comuna de Cabo Ledo tem como pontos fortes a beleza das suas praias, o clima agradável ao longo do ano e a proximidade com o centro da capital do país. Por outro, entre os pontos fracos, apontam-se a elevada extensão de costa sem linhas de praia, ou muito próximas de falésias e arribas, e a falta de um território completamente virgem.

tartarugas. “Se as pessoas deixarem de atirar lixo para as praias, matar ou comer a carne das tartarugas e apanhar os ovos dos ninhos estariam a ser de uma grande ajuda ao projecto”, disse.

Além de informar que a tartaruga mais abundante ao longo da costa angolana atinge cerca de 72 centímetros de comprimento e 45 quilogramas de peso, Ruben Mizalala ressaltou que, entre Outubro e Março, época de desova em Angola, podem reproduzir em média 120 ovos por ninho, que têm um período de incubação médio de 49 dias.

De acordo com dados do “Projecto Kitabanga”, até 2016, a intervenção realizada permitiu conhecer aspectos sobre a bio-ecologia das tartarugas marinhas em Angola e contribuir para o desenho da Estratégia Nacional para a Conservação da Biodiversidade. O trabalho desenvolvido permitiu também registar e preservar mais de 18.500 ninhos e a inclusão de 2.186.100 pequenas novas tartarugas no meio marinho.

“GRUTA DO CABO”

Definido como o último processo do amplo investimento de parceria público-privada, o acesso turístico à denominada “Gruta do Cabo”, situada no ponto mais extremo de Cabo Ledo, constitui um grande desafio para os seus mentores.

Pedro Cunha, que há anos se dedica a explorá-la, explica que a gruta é uma pequena maravilha da natureza, resultado de milhões de anos de erosão das águas da chuva e do mar. “No interior da gruta, encontramos um pequeno ecossistema muito próprio, com muitas estalactites e estalagmites e elevadas quantidades de guano proveniente dos milhares de morcegos que patrulham aquele espaço”, disse.

Para aceder às grutas, Pedro Cunha adverte que é necessário estar ciente de que é uma aventura bem planeada, com alguém que conheça o local. Se não forem observadas medidas de segurança, disse, o acesso é perigoso e cheio de surpresas. A caminhada de quase três



GRUTA DO CABO No seu interior é visível um pequeno ecossistema muito próprio

quilómetros, até alcançar a zona de entrada, pode acabar mal.

Numa pequena incursão a um dos traçados que à Gruta dá acesso, a reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano*, constatou que muito há por fazer, para torná-la atractiva, particularmente, nos aspectos de segurança. Embora parem dúvidas acerca do conjunto de espécies animais e aves que lá habitam, é dado certo que a transformação da gruta em atracção turística envolve valores elevados e estudo aprofundado, com a intervenção de várias áreas do saber, sobretudo, especialistas em botânica e biologia.

“Face à crise, não conseguimos melhorar os acessos, fazer a catalogação, acervo histórico e toda a documentação inerente ao local”, disse Lucrecio Mangureira.

Carlos Raimundo, outro apaixonado pela gruta, apela à necessidade de se melhorar o acesso. Sugeriu, para o efeito, o papel determinante que pode ser desempenhado pelo Serviço Nacional de Protecção Civil e Bombeiros.

“Para alcançar a gruta, é fundamental dispôr de equipamento adequando. Acredito que tenham sido 100 metros o máximo que alguém conseguiu entrar gruta adentro, uma vez que, mais para frente, a respiração se torna insustentável”, informou.

Por ser uma expedição arriscada, nas condições actuais, Carlos Raimundo junta a sua voz àquelas que defendem um sério investimento na “Gruta do Cabo”: “Penso que, bem explorada, poderá vir a ser o maior atractivo do Pólo de Desenvolvimento Turístico de Cabo Ledo”.

ESTATUTO ORGÂNICO

O Pólo de Desenvolvimento Turístico de Cabo Ledo foi criado pelo Decreto Presidencial número 55/11, combinado com o Decreto Presidencial 181/12, que cria o Estatuto Orgânico do referido gabinete, e o Decreto Presidencial número 52/13, que amplia a sua área de actuação.

Enquanto destino turístico, a comuna de Cabo Ledo tem como pontos fortes a beleza das suas praias, o clima agra-

dável ao longo do ano e a proximidade com o centro da capital do país. Por outro, entre os pontos fracos, apontam-se a elevada extensão de costa sem linhas de praia, ou muito próximas de falésias e arribas, e a falta de um território completamente virgem, no que diz respeito à ocupação humana, tornando mais difícil a requalificação da oferta existente e a coordenação de esforços públicos e privados. **AC**



GESTOR Lucrecio Mangureira realça o potencial do pólo



SOBA ANTÓNIO LUÍS ADMINISTRAÇÃO DEVE ACABAR COM A ANARQUIA

O loteamento desordenado e fraudulento de terrenos fez com que muitos camponeses perdessem as suas terras de cultivo. Actualmente, já não existem lavras na zona, os camponeses foram aldrabados pelos técnicos que diziam pertencer à Administração, destacou a autoridade tradicional.



DIA-A-DIA NO SOSSEGO FALTA ENÉRGIA E ÁGUA

A problemática da energia e água também preocupa os moradores do Sossego. Vários contactos foram feitos à ENDE no sentido de colocar PT's públicos, visto que a energia que possuem pertence a privados. E, por esta razão, a energia não chega a todas as casas, porque custa muito caro.

BAIRROS DA BANDA

EDIÇÕES NOVEMBRO

Siga a Via Expresso e encontre Sossego

Alguns actos de delinquência tiram o sossego dos habitantes do bairro, para além da problemática da falta de energia eléctrica e água bem como a construção de um posto de saúde.



João Pedro

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Sentadas à sombra de uma árvore de "Nem" ou "Cura Tudo", como é mais conhecida, estão sossegadas e descontraídas, a jogar pedrinha, varias crianças. Filó, como é chamada pelos amigos e amigas, mostra habilidade invejável no jogo. O amontoado de crianças a jogar em buracos diferentes chama a atenção de quem passa, talvez por ser raro, nos últimos tempos, observar menores a brincar daquele jeito.

Mas é este o dia-a-dia de crianças que vivem no bairro do Sossego, no município de Belas. Para quem utiliza a Via Expresso, no sentido Centralidade do Kilamba-Benfica, antes do desvio que leva até a cooperativa habitacional, "O Lar Patriota", no lado oposto, existe uma placa de sinalização a indicar o bairro Sossego.

Para chegar ao Sossego, vários carros velhos fazem o serviço de táxi, a

partir da estrada do Kenguela Norte. Os motoqueiros não se deixam ficar, pois também levam passageiros, por 150 Kwanzas. Dependendo da habilidade do motorista, em aproximadamente dez minutos, o passageiro chega à sede do bairro Sossego.

A albergar, maioritariamente, gente oriunda da província da Huíla, o bairro do Sossego faz jus ao nome. As ruas são calmas, com moradores sentados à porta de casa, a observar quem chega ou passa. Toda a gente se conhece e se cumprimenta, chamando pelo nome. "Boa tarde avó Fátima! Como passou o dia?". Prontamente, a mais velha respondeu a um jovem: "passei bem o dia...".

O SOBA

Sentado no quintal de casa, António Domingos Luís ouve, no rádio, o noticiário das 13 horas. O ancião, 74 anos, é o soba do bairro; é a autoridade tradicional máxima daquela localidade. É mais conhecido por Camavo, nome herdado da família e que passa de ge-



EDUCAÇÃO ENSINO PRIVADO

O Pezil é a única instituição de ensino privado no bairro que ajuda a carência no número de vagas existente no bairro. Com a chegada de novos moradores encarregados procuram a solução educacional no colégio Pezil e minimizam constrangimento de transporte.



FONTENÁRIO SEM ÁGUA FALTA DE MANUTENÇÃO

A água proveniente de furos que abasteciam o fontenário deixou de chegar à população. A bomba avariou e falta dinheiro para consertá-la e para a compra dos filtros. Nos últimos tempos, para beber, os moradores dependem da água de carros cisternas.

ração à geração. De acordo com o soba Camavo, o bairro Sossego foi fundado em 1982, pelos camponeses, numa altura que tinham que se proteger dos caçadores, que, durante a noite, faziam muitos tiros e atacavam as pessoas que tinha as suas cubatas nas lavras.

“Tínhamos que nos esconder durante a noite, debaixo das mandioqueiras, para evitar ataques. O antigo soba reuniu todos os camponeses e sugeriu a criação de uma sanzala para termos sossego contra os ataques. Assim ficou o nome até hoje”, explicou.

António Domingos Luís afirma que adquiriu o terreno onde estava a sua lavra em 1986, mas só passou a viver no local, de forma permanente, em 2002, altura em que foi aposentado pelos Correios de Angola, empresa onde começou a trabalhar desde o tempo colonial.

Ao recordar-se do passado, o soba conta que, naquela altura, não existia casa de bloco. Viviam em casas de capim, nas quais, com frequência, encontravam cobras. “Graças a Deus, nunca ouvimos dizer que alguém foi mordido por uma cobra. Mas os animais que tínhamos eram as vítimas dos ataques”, frisou.

Durante muitos anos, os habitantes do bairro Sossego dedicavam-se ao cultivo de produtos como milho, batata, mandioca e à plantação de mangueiras e cajueiros, que ainda existem na zona. António Domingos Luís garantiu que o loteamento desordenado e fraudulento de terrenos fez com que muitos camponeses perdessem as suas terras de cultivo. Actualmente, já não existem lavras na zona.

“Os camponeses foram aldrabados e muitas vezes tiveram que dividir os lotes de terrenos com os técnicos que diziam pertencer à Administração. Se a tua lavra, durante o loteamento, tivesse 30 lotes, o proprietário ficava com 15 parcelas e os técnicos com 15 e assim aconteceu”, explicou o soba com tristeza.

PROBLEMAS SOCIAIS

Ao falar de educação, no bairro Sossego, o velho António Luís abanou a cabeça e disse que existe uma escola do Ensino Primário do 1º Ciclo e um colégio privado. A escola, por falta de segurança, tem sido vandalizada por marginais que vivem no bairro.

“Esta situação levou a nova direcção da escola, com o consentimento dos encarregados de educação, a cobrar 300 Kwanzas mensalmente, para melhorar algumas coisas pontuais, como consertar uma fechadura ou adquirir carteiras”, explicou. António Luís mostrou o seu descontentamento pelo facto de a direcção da escola expulsar os alunos que não paguem a mensalidade.

Sendo o soba, a máxima autoridade do bairro, as mães dos alunos expulsos da escola, por falta de pagamento, vão à sua procura, para lamentar a situação e a baixa condição

Maria de Fátima Evaristo começou a frequentar a zona do Sossego nos anos 80. Hoje, por não se dedicar mais ao campo, como antigamente, cuida da criação de porcos, que lhe vai garantindo algum sustento.

“Anteriormente, vivia do campo. Mas, depois que perdemos os terrenos, tivemos de fazer outra coisa”, disse a tia Fátima. A idosa gaba-se de ter investido na educação dos filhos. Garantiu que sente muito orgulho, ao vê-los crescer e constituírem as suas famílias.

“Sempre eduquei os meus rapazes para terem de estudar e se orgulharem do esforço que fiz ao longo destes anos. Os meus filhos prestam-me muita atenção e me dão carinho. Quando vejo os meus netos e recordo o passado, acredito que fiz o melhor investimento que uma mãe pode fazer”, disse tia Fátima, destacando que agora recebe os benefícios, pois os filhos sabem honrar o esforço que ela fez por eles.

Tia Fátima mostrou a sua preocupação pelo aumento da delinquência no bairro e apontou que muitos actos são realizados por jovens do bairro que são filho e, em alguns casos, netos de moradores.

Os quintalões fechados e abandonados são apontados como esconderijos de malfeteiros que realizam crimes em outras zonas e refugiam-se no bairro Sossego.

“É triste dizer que os nossos descendentes tiram-nos o sossego e que estamos a levá-los às autoridades”, garantiu a idosa.

JP

INVESTIR NOS FILHOS PARA O FUTURO



DEDICAÇÃO Tia Fátima gaba-se de investir na educação dos filhos dos quais sente muito orgulho

sócio-económica em que vivem.

“Fui várias vezes ter com a directora da escola a ver se resolvemos esta e outras situações. Não chegámos a um consenso. Ela admite que tem autoridade para colocar fora da escola quem não faz o pagamento. Só que, na qualidade de directora, esquece-se que a escola é pública e os alunos não devem pagar nada”, disse o soba.

A problemática da energia e água também preocupa os moradores do Sossego. Muitos contactos já foram feitos, na altura com junto da Edel e agora da ENDE. Ainda assim está por materializar energia da rede pública. O bairro é alimentado por postos de transformação privados. Por esta razão, e energia não chega a todas as casas, porque custa caro.

Por outro lado, a água proveniente de furos que abasteciam o fontenário deixou de chegar à população. A bomba avariou e falta dinheiro para consertá-la e para a compra dos filtros. Nos últimos tempos, para beber, os moradores dependem da água de carros cisternas. A água salobra dos furos serve apenas para outros serviços domésticos.



DIVERSÃO Descontraídas, as crianças revelam uma habilidade invejável no jogo das pedrinhas

CEDIDA

EDIÇÕES NOVEMBRO



ÁGUA POTÁVEL CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO

Os moradores da Vila Flor vão deixar de consumir água imprópria. Para a sua maior alegria, está em construção um centro de distribuição de água potável. A obra comporta casa de bombagem, três bombas de 250 metros cúbicos por hora, um edifício de electricidade, uma torre elevada e uma casa de cloro.



ANA ANTÓNIO ATENDIMENTO MÉDICO

"Nesse tempo de chuva, surgem muitas doenças, como cólera, febre tifóide e paludismo. Como não temos um centro de saúde no bairro, levamos muito tempo a procurar por outras unidades hospitalares. Quando chegamos a esses hospitais, estamos num estado muito grave. Por isso, os hospitais do Camama e do Kilamba já nem nos recebem".

DESORDENAMENTO

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Uma Vila que de Flor tem apenas o nome

O distrito é novo e, à semelhança de outros que surgiram de forma anárquica, um pouco por toda a província de Luanda, cresce desordenadamente. Falta saneamento básico, escolas, centros médicos e postos de saúde; falta energia, água e esquadra de polícia. A Administração do Distrito Urbano da Vila Flor clama pela construção urgente de um centro médico.

Solange da Silva

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

“Vila Flor” é um nome que, desde logo, denota algo belo para quem dela ouve falar pela primeira vez. Mas, ao visitar essa pequena parcela de terra de Luanda, com uma extensão de 87 quilómetros quadrados e uma população estimada em 137 mil habitantes, de acordo com dados da Administração Distrital, essa imagem se desvanece. De belo o bairro não tem nada. Aliás, no Distrito Urbano da Vila Flor, município de Viana, falta tudo ou quase tudo!

O distrito é novo e, à semelhança de outros que surgiram de forma anárquica, um pouco por toda a província de Luanda, cresce desordenadamente. Não tem saneamento básico, escolas, centros médicos e postos de saúde; também falta energia, água e esquadra de polícia. O que sobra, entretanto, é delinquência. Muita delinquência. Ter acesso ao Distrito Urbano da Vila Flor,

a partir da Via Expresso, não é nada fácil. Os constrangimentos surgem logo devido à má sinalização das ruelas e ao mau alinhamento das ruas, cheias de buracos, areia e imensas lagoas, provocadas pelas águas da chuva.

Do interior do bairro é possível divisar a centralidade do Kilamba, um oposto da Vila Flor. A maior parte dos moradores é de baixa renda e o sustento deles vem da comercialização de materiais de construção. A própria Administração Distrital está entregue à sua sorte, na medida em que lhe faltam os devidos apetrechos para dar resposta às preocupações dos moradores. Limita-se a passar atestados de residência.

Os problemas são tantos que, para já, o administrador do Distrito Urbano da Vila Flor, Domingos da Fonseca, quer ver construído, o mais breve possível, um centro de saúde, para que a população deixe de percorrer longas distâncias em busca de tratamento médico.

“Saúde é tudo na vida. Dêem-nos saúde para termos forças para resolver os outros problemas. Por isso, é urgente construir um centro médico aqui no bairro”, clama Domingos da Fonseca, que diz já ter escrito várias vezes ao governador de Luanda, a expôr os problemas da sua circunscrição. Mas, até ao momento, não obteve qualquer resposta.

“Peço uma especial atenção do governador para o nosso bairro, pois não tem infra-estruturas sociais. A situação é crítica. Falta policiamento, saúde, educação, energia, água, saneamento básico. Nós não temos nada”, relacionou.

Os hospitais do Kilamba, Camama, Neves Bendinha e Américo Boavida são, para já, a tábua de salvação desses moradores. Mas Ana António, outra moradora da Vila Flor, revelou-nos que até mesmo essas unidades hospitalares já se negam a prestar assistência médica aos doentes provenientes daquele distrito.

“Nesse tempo de chuva, surgem muitas doenças, como cólera, febre ti-

fóide e paludismo. Como não temos um centro de saúde no bairro, levamos muito tempo a procurar por outras unidades hospitalares. Quando chegamos a esses hospitais, estamos num estado muito grave. Por isso, os hospitais do Camama e do Kilamba já nem nos recebem, porque é muita doença e morte. Quando chegamos lá, temos de mentir. Não podemos dizer que somos moradores deste bairro. Porque já não nos atendem”.

A população, desesperada, diz-se esquecida pelo Governo da Província de Luanda. Vivalda Pedro é um exemplo disso mesmo. Aliás, o desespero por uma vida melhor na Vila Flor há muito que tomou conta de si. O bairro que escolheu, há quatro anos, para construir a ca-

sa própria, viver e criar os filhos virou uma desilusão devido à inexistência desses serviços básicos. Para ela, o Governo esqueceu que existem pessoas no Distrito Urbano da Vila Flor.

“Fomos esquecidos pelas autoridades. Segundo os moradores mais antigos, desde o surgimento do bairro que nunca existiu aqui uma escola ou um centro médico”, disse.

Outra moradora, que preferiu o anonimato, já pensa mesmo em mudar de residência, porque, segundo ela, o sofrimento está demais. Mas essa intenção esbarra na falta de condições financeiras para concretizá-la.

“É muito sofrimento, mãe. Está demais”, lamenta a moradora, com o rosto cansado.



**DOMINGOS DA FONSECA
INÚMERAS CARÊNCIAS**

“Saúde é tudo na vida. Dêem-nos saúde para termos forças para resolver os outros problemas. Peço uma especial atenção do governador para o nosso bairro, pois não tem infra-estruturas sociais. A situação é crítica. Falta policiamento, saúde, educação, energia, água, saneamento básico. Não temos nada”.



**ESPAÇOS VEDADOS
ABRIGO DE MARGINAIS**

Os enormes quintais existentes no Distrito Urbano da Vila Flor são considerados abrigos de marginais, que, na calada da noite, tiram o sono aos moradores. Estes espaços, vedados com muitas árvores e capim, são utilizados para os raptos e assassinatos.

DESEJO DE ESTUDAR

“Minha cota, só quero estudar”, desabafa Pedro Joaquim, 15 anos. A realidade, no entanto, contraria a sua aspiração, pois encontrar uma escola na Vila Flor é missão quase impossível. Escola pública, então, é uma miragem. As únicas que existem, uma comparticipada e um colégio, não servem para as encomendas. Para piorar, os moradores colocam em causa a qualidade do ensino nessas instituições.

Este ano, Pedro Joaquim devia frequentar a 10ª classe, mas, infelizmente, vai ficar sem estudar por não existir qualquer escola do ensino médio no Distrito. A solução passava por inscrever-se numa outra escola no Camama ou no Kilamba. Entretanto, a distância e a falta de dinheiro para pagar o táxi fê-lo desistir.

“Facilitava muito a nossa vida ter uma escola do ensino médio aqui no bairro”, desabafa o jovem.

Sem estudar, a Pedro Joaquim não resta outra coisa, senão começar a trabalhar como cupapata (motoqueiro), para ajudar a mãe no sustento dos cinco irmãos menores. Diariamente, faz entre quatro e seis mil kwanzas. Quando a procura pelos seus serviços é maior, o valor pode duplicar.

“No final de cada mês, temos mais trabalho, porque os donos das obras estão cá e contratam-nos para levar os carros cheios de materiais de construção”, conta.

Maria Dala, moradora da Vila Flor, conta-nos que ali falta de tudo um pouco, mas, principalmente, escola e hospitais.

“Minha filha, aqui não tem quase nada”, exclama Maria, mãe de sete filhos, cinco deles estudantes num colégio do bairro e outras duas em escolas públicas localizadas no Camama.

Mensalmente, paga 17.500 kwanzas para os cinco filhos estudarem nesse colégio. Conseguir o valor nem sempre lhe é fácil. Afinal, negócio de venda de materiais de construção não rende à senhora o necessário para uma vida estável.

Com o rosto cansado de tanto estar sob o sol, mas cheio de esperança em tempos melhores, Maria revelou-nos que, nos dias de maior procura, consegue amealhar 20 mil kwanzas com o seu negócio. É desse valor que ela tira os 17.500 para pagar a propina dos cinco filhos, um montante que considera muito alto para realidade que é a sua vida. O marido, segurança numa empresa, ganha mensalmente 30 mil kwanzas, valor que reparte na despesa de casa. Nos dias em que o negócio não corre bem, pagar a propina dos filhos torna-se um verdadeiro quebra-cabeça para Maria, mesmo sabendo que a qualidade do ensino des-

tes espaços é questionável. “Esses colégios nem ensinam bem”, lamenta, mas, face à inexistência de escolas públicas na Vila Flor, não lhe resta outra solução, senão mesmo colocar os filhos nessas instituições de ensino privado.

O mesmo valor é pago todos os meses por Ana António, outra moradora da Vila Flor. Igualmente vendedora de materiais de construção no mercado local, ela conta que precisa economizar durante o mês todo, para conseguir pagar a propina dos filhos.

“Pagar 17.500 kz todos meses é muito, para mim. Queremos escolas públicas”, clama.

SS

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



ALTERNATIVA Falta de escola leva muitos jovens a trabalhar como motoqueiros

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



APOIO Gestor aguarda por respostas

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



ÁGUA Conclusão do Centro de Distribuição previsto para Março

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



ANARQUIA À semelhança de inúmeras zonas de Luanda Vila Flor tem vindo a crescer desordenadamente

CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO

Brevemente, os moradores da Vila Flor vão deixar de consumir água imprópria. Para a sua maior alegria, está em construção um centro de distribuição de água potável. A obra comporta casa de bombagem, três bombas de 250 metros cúbicos por hora, um edifício de electricidade, uma torre elevada e uma casa de cloro.

A encarregada de obra, Elisabeth Dicanono, explicou que a conclusão da mesma estava prevista para o mês de Março deste ano. Mas, devido à falta de materiais e de pagamento ao empreiteiro, só deve estar concluída em Maio. “As obras têm corrido a bom ritmo. Só não estão mais avançadas porque dependem das importações”, justificou.

O administrador distrital, Domingos da Fonseca, frisou que, com a conclusão do centro de distribuição, a população vai deixar de percorrer longas distâncias em busca de água potável e acabar com o negócio dos camiões cisternas que vendem água imprópria para o consumo.

“A EPAL tem cumprido com o seu papel”, elogia o administrador. O mesmo já não pode dizer da ENDE, que, até agora, segundo Domingos da Fonseca, não cumpriu com a pro-

messagem de instalar um posto de transformação no bairro.

“Há mais de três meses que estamos à espera dos homens da ENDE. Até agora, nada”, lamentou o administrador.

QUINTALÕES SINISTROS

Os enormes quintais existentes no Distrito Urbano da Vila Flor são considerados abrigos de marginais, que, na calada da noite, tiram o sono aos moradores. Estes espaços, vedados com muitas árvores e capim, segundo um morador que preferiu não se identificar, são utilizados para os raptos e assassinatos que a cidade de Luanda tem vindo a registar.

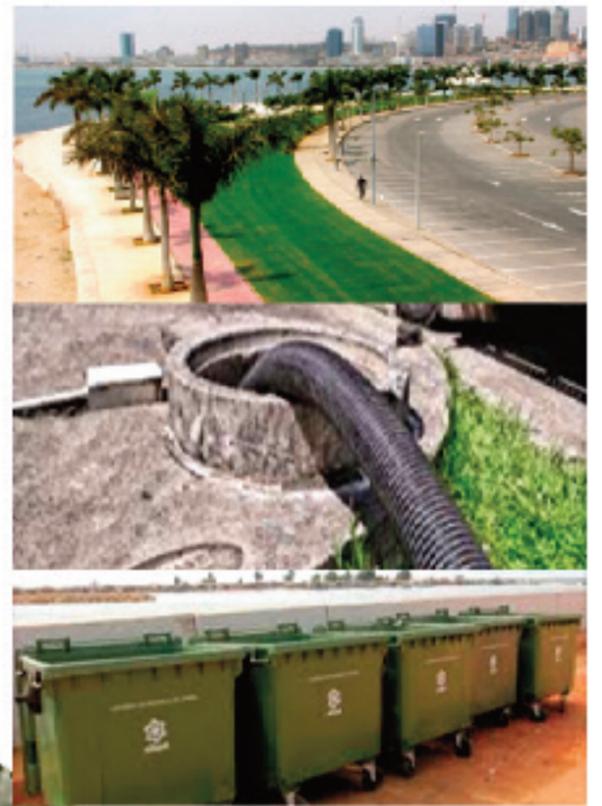
Muitos desses terrenos foram vendidos por uma senhora identificada apenas por dona Bela, uma camponesa que viveu durante muitos na Vila Flor. A reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano*, tentou contactá-la por via telefónica, mas não foi possível.

O Distrito Urbano Vila Flor possui 17 bairros. Faz fronteira, a Norte, com a Via Expresso, a Sul, com as comunas do Cuanza e Caulo, a Este, com o Distrito Urbano do Zango, e a Oeste, com o Distrito Urbano do Kilamba Kiaxi.

SS



elisal



- ✔ SERVIÇOS DE DESOBSTRUÇÃO DE SARJETAS
- ✔ ALUGUER DE BALNEÁRIOS E CONTENTORES
- ✔ SERVIÇOS DE SANEAMENTO
- ✔ RECOLHA DIRIGIDA
- ✔ LIMPEZA DIRIGIDA
- ✔ ATERRO SANITÁRIO DOS MULENVOS
- ✔ SERVIÇOS DE JARDINAGEM

**NÃO DEITE
LIXO NAS
SARJETAS**

A Elisal - Empresa de Limpeza e Saneamento de Luanda, tem como objectivo social a prestação de serviço público de limpeza e gestão de resíduos sólidos da província de Luanda, visão de assegurar a saúde pública e a protecção do meio ambiente.

Ambiciona liderar a transformação do paradigma de gestão de resíduos na província de Luanda implementando infra-estrutura de procedimentos de excelência na limpeza, recolha, tratamento, valorização e deposição final de resíduos que contribuem para a melhoria significativa dos municípios.



ELISAL, PARA UMA VIDA MAIS SAUDÁVEL

Bairro Vila Flor - Zona 19-S3, Quarteirão 7 (Filda)
 Caixa Postal 378 Luanda - Angola
 Tel.: 222 00 34 64 - 940 95 16 95
 E-mail: atendimento.cliente@elisal.co.ao
www.elisal.co.ao



UNIVERSIDADE LUSÓFONA FORMAÇÃO EM BELAS ARTES

Em 2012, ganhou coragem e contou aos pais que queria estudar artes plásticas. A família apoiou-o e, movido de talento, o jovem foi para Portugal formar-se em Belas Artes, na Universidade Lusófona de Lisboa. Considerando-se sonhador, Armando Scoott conta que sempre gostou de correr atrás dos seus sonhos.



SALVADOR DALÍ MOTIVO DE INSPIRAÇÃO

Tem como grandes referências o seu pai e o irmão mais velho. Nas lides internacionais tem como inspiração Pablo Picasso, Gina de Melo, Jorge Rebelo e Salvador Dalí, embora, este último não esteja mais no mundo dos vivos, Armando Scoott inspirou-se mais nas suas obras porque gosta de ser um artista surrealista.

ARTISTA PLÁSTICO

EDIÇÕES NOVEMBRO



Armando Scoott, um senhor nas Belas Artes

Primeiro angolano a expôr no “Museu du Louvre”, em França, garante que a experiência deixa-o até agora estupefacto. Numa entrevista feita por um site português, disse que não morreria sem expor no Louvre. Na época, as pessoas ficaram espantadas com a explanação, mas aconteceu. Hoje, Scott sente algo como a realização profissional e pessoal.



PRÉMIOS COLECCIONADOS VENCEDOR EM VÁRIAS CATEGÓRIAS

Actualmente, é detentor de 15 prémios, ganhos em diversos países do mundo, como França, Portugal, Espanha, Emirados e Angola. Ganhou também vários prémios em exposições colectivas, entre os quais, Prémio Jovens da Banda, em Luanda, em 2016, na categoria de Pintura.



MUSEU DE LOUVRE PORTAS ABERTAS

O sonho do artista começou a materializar-se quando aceitou o convite de uma professora a viajar a Paris. Expôs as suas obras no conhecido Museu de Louvre. Depois disso, muitas portas se abriram e não mais parou. O episódio ainda o emociona.

Manuela Mateus

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

De arquitecto à artista plástico. Foi assim que Armando Scoott decidiu continuar no mundo das artes, mas com a intenção de, mais rapidamente, fazer chegar o seu trabalho às pessoas nos quatro cantos do mundo, para que pudessem conhecer a sua paixão pelas técnicas de produção de imagens, que, em seu entender, revelam um conceito de representação em arquitectura, estéticas e poesia.

Versátil e surrealista, o artista, que hoje expressa na tela temas como as diferenças culturais entre os povos, durante três anos, andou dividido entre o curso de Arquitectura e a paixão pelas artes plásticas. Na Universidade Lusíadas de Angola, era considerado um rapaz prodígio: bom aluno, delegado de turma e várias vezes nos quadros de honra. Mas o artista sentia-se incompleto, perdido na arquitectura.

Em 2012, ganhou coragem e contou aos pais que queria estudar artes plásticas. A família apoiou-o e, movido de talento, o jovem foi para Portugal formar-se em Belas Artes, na Universidade Lusófona de Lisboa. Considerando-se sonhador, Armando Scoott conta que sempre gostou de correr atrás dos seus sonhos e que nunca se deu por vencido. Por isso, faz de tudo para dar a conhecer ao mundo as suas obras e interagir com novos artistas e galerias. Scoott entende que um artista também é um activista social.

"Nas minhas obras, falo de factos inerentes ao que acontece na sociedade, não só os que me preocupam ou estejam mal, mas expresso coisas que amo e admiro. Por isso, sou um artista e acho que é por isso que Deus me deu talento e esta dinâmica de poder pintar e falar destes aspectos", frisou.

O jovem artista, primeiro angolano a expôr no "Museu do Louvre", em França, garante que a experiência deixa-o até agora estupefacto.

"Sempre fui uma pessoa muito ousada; falo de coisas que, aos olhos dos homens, são impossíveis, mas, para Deus, nada é impossível. Foi daí que, numa entrevista feita por um site português, eu disse que não morreria sem expor no Louvre. As pessoas ficaram espantadas com a minha explanação, mas aconteceu", contou o artista.

O sonho do artista começou a materializar-se quando aceitou o convite de uma professora a viajar a Paris. Expôs as suas obras no conhecido Museu de Louvre. Depois disso, muitas portas se abriram e não mais parou. Armando Scoott confessa que, quando fala sobre o assunto, ainda vive as emoções daquele momento.

"Alguns amigos disseram que eu era louco, por ter dito o que disse; outros elogiaram-me por ser um grande artista, mas não tinham expectativas.

Muitos estavam longe de acreditar que eu pudesse expor no Museu do Louvre, em Paris", lembrou. Hoje, Scoott sente algo como a realização profissional e pessoal.

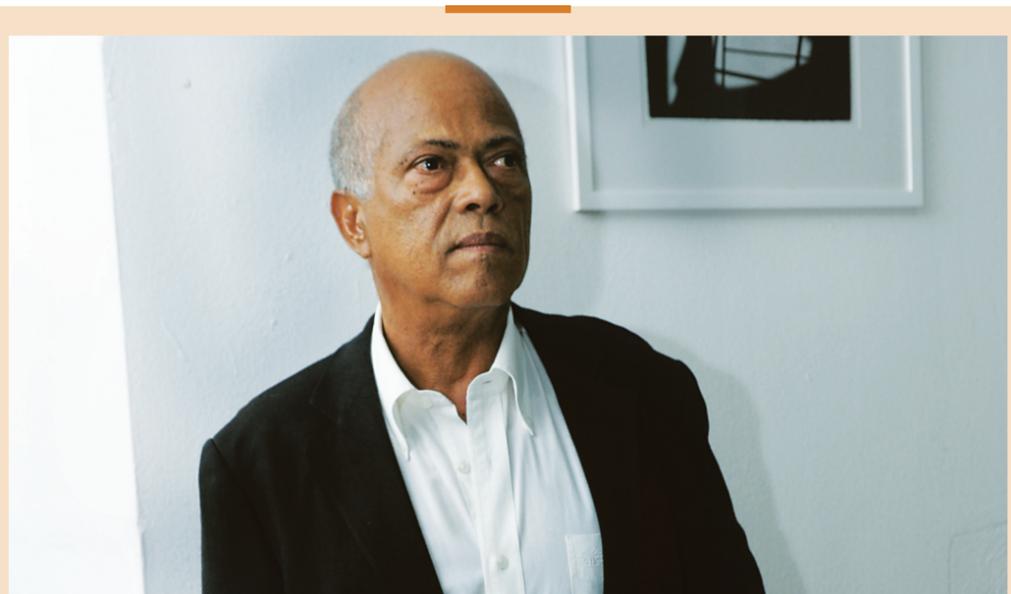
"Estou muito feliz pela área de formação. Faço tudo por amor e com amor. Mesmo diante de tanto trabalho, ainda sou verdadeiro no que faço. Atingi o sucesso por causa disto. Muitas vezes, sou chamado para dar entrevistas; para expôr em vários países e sou pago por isso. Por este motivo, agradeço à minha família e aos meus pais, por me terem dado tanto apoio nesta tarefa", declarou.

Desde tenra idade que Armando Scoott nutre amor pela pintura. Aos 11 anos, ganhou o seu primeiro prémio, numa exposição colectiva, em 2001, num programa televisivo infantil. Depois, foi só somar. Actualmente, é detentor de 15 prémios, ganhos em diversos países do mundo, como França, Portugal, Espanha, Emirados e Angola. Ganhou também vários prémios em exposições colectivas: Prémio Jovens da Banda, em Luanda, em 2016, na categoria de Pintura; em 2011, venceu o Prémio em Desenho e Pintura, organizado pela Embaixada de Itália em Angola, ficando também em primeiro lugar. Em 2017, venceu o Prémio de Pincel de Ouro, em Lisboa. Armando Scoott guarda na sua galeria outros prémios internacionais arrebatados em França, Portugal e Coreia do Sul. Em 2012, participou da Exposição Galeia Campus da Justiça, em Lisboa, Portugal, bem como em outras.

NA PASSARELLE, SEMPRE NAS ARTES

Armando Scoot vem experimentando coisas novas e gosta daquilo que faz. O artista plástico é também modelo. Pisa as passerelles em nome de algumas agências de moda em Portugal. Em 2012, antes de deixar Angola, participou no concurso Mister Angola e, entre os seis finalistas do concurso, ganhou nas categorias "Popularidade" e "Talento". Quando chegou a Lisboa, foi convidado por duas agências de moda. Hoje, está numa outra, que representa uma marca de fatos Italianos para noivos. O artista também trabalha para outras marcas e teve participação na novela portuguesa a "Única Mulher".

"Estou muito feliz pela área de formação. Faço tudo por amor e com amor. Mesmo diante de tanto trabalho, ainda sou verdadeiro no que faço. Atingi o sucesso por causa disto. Agradeço à minha família"



REFERÊNCIAS Artista plástico António Ole é uma das inspirações do jovem artista angolano

REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS

Armando Scoott tem como grandes referências no mundo das artes plásticas o seu pai e o irmão mais velho. "O meu pai também está ligado à área de desenho e construção, sempre desenhou. É um homem viajado e fanático por obras. Acredito que temos muito em comum. O meu pai e o irmão mais velho, inspiram-me", disse o artista que também tem como grandes referências nacionais os artistas plástico Paulo Kussi e António Ole.

Nas lides internacionais tem como inspiração Pablo Picasso, Gina de Melo, Jorge Rebelo e Salvador Dalí, embora, este último não esteja mais no mundo dos vivos, Armando Scoott inspirou-se mais nas suas obras porque gosta de ser um artista surrealista.

PLANOS PARA O FUTURO

Armando Scoott faz um balanço positivo da carreira.

O artista apontou que o objectivo de todo criador é internacionalizar-se.

"A minha carreira está a marcar bons passos, mas ainda pretendo expôr nos Estados Unidos", disse, acrescentando que pretende chegar aos maiores prémios a nível internacional.

"Para que isso aconteça, tenho de pintar muito; ainda tenho de ficar muitas noites acordado e de viajar muito. Quando viajo, não vou só expôr; vou visitar galerias, conhecer pessoas. A minha maior formação é o contacto com os artistas", disse.

Armando Scoott tem como plano para o futuro próximo a abertura da sua Galeria, lugar onde vai poder receber cliente e dar oportunidades a jovens de poderem realizar os seus sonhos artísticos e transmitir a sua experiência, que adquiriu um pouco por alguns pais de Europa por onde passou.

MM

QUEM É?

Armando do Rosário Tavares Bolonhês Pombal, de nome artístico Armando Scoott, é natural de Luanda, onde viveu a maior parte da sua infância. Nasceu a 1 de Julho de 1990 e é formado pela Direcção Nacional de Formação Artística, em Luanda. Conta com inúmeros cursos no Campo das Artes Plástica, os quais o "Estúdio Lindomar", em Luanda, em 2008. Cursou de Bela Artes, na Universidade Lusófona de Lisboa, de 2012 a 2015. O artista tem como melhor cidade do mundo Paris. Gosta muito das cores azul e branco e, na culinária, é apreciador de uma boa cachupa. Gosta do perfume Armani Code. A sua maior qualidade é a persistência e o defeito, a indecisão. É apreciador do que considera "boa música".



MM FUTURO Armando Scoott planeia abrir uma galeria de arte

TESTE

Desafio

1 - **Fénix** é um pássaro mitológico que quando morria entrava em auto-combustão e passado algum tempo, renascia das próprias cinzas. Outra característica da Fénix é a sua grande força. De que mitologia se refere?

- 1- árabe
- 2- romana.
- 3- celta
- 4- grega

2 - O primeiro **elevador** foi construído no século I a.C., por um engenheiro chamado Vitrúvio. Em que cidade foi construído?

- 1- Cairo
- 2- Luanda
- 3- Toronto
- 4- Roma

3 - **Pen Drive** é um dispositivo de memória constituído por memória flash (EEPROM), com aspecto semelhante a um isqueiro. O seu inventor chama-se Dov Moran. De que nacionalidade é?

- 1- israelita
- 2- americano
- 3- francês
- 4- chinês

Uma **lapiseira** é um utensílio para escrever que consiste num cilindro de metal ou matéria plástica. Foi patenteada pela primeira vez na Grã-Bretanha por Sampson Mordan e John Isaac Hawkins. Em que ano foi?

- A- 1922
- B - 1842
- C - 1822
- D - 1722

RESPOSTAS

50- DADA. 52- FAA. 56- DA. 58- II. 44- ESTAR. 45- MAIAR. 47- LOGE. 49- PULA. 38- VIRAR. 40- LASER. 42- CHÁ. 43- NO. 29- SOLENE. 30- SR. 32- CASOTA. 33- OCAR. 21- TRETÁ. 23- LOCAL. 27- AMEIA. LABORAR. 13- STOP. 15- RIMAR. 18- EVA. 7- RAMA. 8- AM. 9- SOS. 10- ILUSTRAR. 11- 1- NDOKA. 2- SECAR. 3- OPOR. 4- KO. 5- III. **Verticais** VERTICAIS: LIDAR. 59- AREAL. 60- RAIAR. 51- SOFÁ. 53- TU. 54- AIA. 55- ADEGA. 57- VA. 41- ACNE. 45- MI. 46- ORAL. 48- HOSPEDAR. 34- ALAR. 35- AC. 36- AI. 37- LER. 39- SAL. 28- OSTRA. 30- SEM. 31- CORAR. 32- CORTE. 22- OVAL. 24- SOM. 25- AR. 26- RAPA. LAR. 16- OCO. 17- ITEM. 19- SUBI. 20- KART. 1- NSOKI. 6- BRASIL. 12- DEPOIS. 14- AMO- **Horizontais** **Palavras Cruzadas** 4 - 3-1822 3 - 1- israelita 2 - 4 - Roma 1 - 4 - Grega **Desafio:**

Cartoon

Armando Pululo



Curiosidades



Carnaval uma festa pública

Carnaval é um festival do cristianismo ocidental que ocorre antes da estação litúrgica da Quaresma.

Os principais eventos ocorrem tipicamente durante Fevereiro ou início de Março, durante o período historicamente conhecido como Tempo da Septuagésima (ou pré-quaresma). O Carnaval normalmente envolve uma festa pública e/ou desfile combinando alguns elementos circenses, máscaras e uma festa de rua pública. As pessoas usam trajes durante muitas dessas celebrações, permitindo-lhes perder a sua individualidade quotidiana e experimentar um sentido elevado de unidade social.

O consumo de álcool, de carne e outros alimentos proscritos durante a Quaresma é extremamente comum. Outras características comuns do carnaval in-

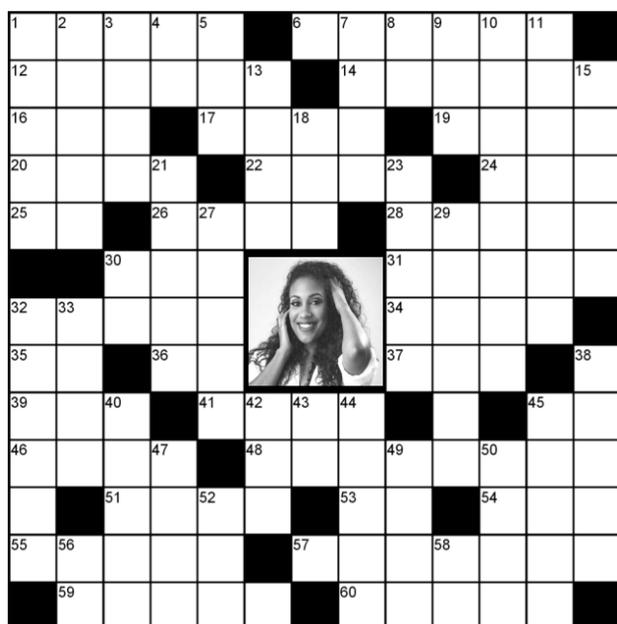
cluem batalhas simuladas, como lutas de alimentos; sátira social e uma inversão geral das regras e normas do dia-a-dia.

O termo Carnaval é tradicionalmente usado em áreas com uma grande presença católica. No entanto, as Filipinas, um país predominantemente católico romano, não comemora mais o Carnaval desde a dissolução da festa de Manila em 1939, o último carnaval no país. Nos países historicamente luteranos, a celebração é conhecida como Fastelavn e em áreas com uma alta concentração de anglicanos e metodistas, as celebrações pré-quaresmais, juntamente com observâncias penitenciais, ocorrem na terça-feira de carnaval. Nas nações eslavas ortodoxas orientais, o Maslenitsa é celebrado durante a última semana antes da Grande Quaresma. Na Europa de

língua alemã e na Holanda, a temporada de Carnaval tradicionalmente abre no 11/11 (muitas vezes às 11:11 da manhã). Isto remonta a celebrações antes da época de Advento ou com celebrações de colheita da Festa de São Martinho.

O Carnaval moderno, feito de desfiles e fantasias, é produto da sociedade vitoriana do século XX. A cidade de Paris foi o principal modelo exportador da festa carnavalesca para o mundo. Cidades como Nice, Santa Cruz de Tenerife, Nova Orleans, Toronto e Rio de Janeiro se inspiraram no Carnaval parisiense para implantar as suas novas festas carnavalescas. Já o Rio de Janeiro criou e exportou o estilo de fazer carnaval com desfiles de escolas de samba para outras cidades do mundo, como São Paulo, Tóquio e Helsinque.

Palavras Cruzadas



Horizontais

- 1 - (...) Neto, cantora com uma carreira de sucesso desde o seu álbum de estreia, 'Meu Anjo', de 2012. 6- País da América do Sul. 12- Posteriormente. 14- Afilar. 16- Vazio. 17- Parcela. 19- Fui para cima. 20- Pequeno veículo automóvel de competição, com um só lugar. 22- Do feio de ovo. 24- Ruído. 25- Atmosfera. 26- Corta rente. 28- Molusco bivalve que pode produzir pérolas. 30- Preposição designativa de falta. 31- Enrubescer. 32- Supressão. 34- Em forma de asa. 35- Antes de Cristo (abreviatura). 36- Suspiro. 37- Um prazer de quem gosta de livros. 39- Cloreto de sódio. 41- Doença das glândulas sebáceas. 45- Terceira nota musical. 46- Verbal. 48- Albergar. 51- Canapé estofado. 53- A tua pessoa. 54- Camareira. 55- Casa térrea onde se guarda o vinho e outras provisões. 57- Torne legítimo ou legal. 59- Lugar de muita areia. 60- Despontar no horizonte.

Verticais

- 1- Bebida fermentada à base de mel (hidromel). 2- Enxugar. 3- Confrontar. 4- Abreviatura de knock-out. 5- O número três em numeração romana. 7- Os ramos ou a folhagem das plantas. 8- Antes do meio-dia. 9- Sigla de Save Our Souls. 10- Adornar com ilustrações ou desenhos. 11- Trabalhar. 13- Lugar de paragem (palavra inglesa). 15- Versejar. 18- A primeira mulher, segundo a Bíblia. 21- Patranha, mentira. 23- Relativo a determinado lugar. 27- Abertura no alto da muralha de uma fortificação por onde se visava o inimigo. 29- Pomposo. 30- Senhor (abreviatura). 32- Guarita de cão. 33- Escavar. 38- Pôr uma coisa no sentido oposto. 40- Aparelho que emite raios luminosos muito intensos. 42- Infusão medicinal de diversas plantas. 43- Redução das formas linguísticas "em" e "o" numa só. 44- Ser presente. 45- Atrapalhar. 47- Rio de Angola que nasce no município de Quitexe, província de Uíge e desagua no Oceano Atlântico, imediatamente a Norte da cidade de Ambriz. 49- Moeda do Botswana. 50- Concedida. 52- Forças Armadas Angolanas. 56- Redução das formas linguísticas "de" e "a" numa só. 58- O número dois em numeração romana.

Cinema

ZAP Cinemas

•Semana: 16 a 22 de Fevereiro

- Título: **Black Panther** (3D IMAX)
- Género: **Drama/Suspense**
- Sessões: 12h30/15h25/18h20 /21h15/00h15*
- *(sexta, sábado e vesp. de feriado)



• Título: **Patrulha de Gnomos**

- Género: **Infantil**
- Sessões: 10h40*/12h50 /14h50 /17h30
- *(sábado domingo e feriados)



• Título: **Cinquenta Sombras Livre** (M/18)

- Género: **Ação**
- Sessões: 14h40/15h00/17h20/ 19h40/22h00/00h20*
- *(sexta, sábado e vesp. de feriado)



CINEMAX /Kilamba

•Semana: 16 a 22 de Fevereiro

- Título: **Pantera Negra 3D**
- Género: **ficção/ aventura** (sala Vip)
- Sessões: 13h00/15h50/18h40 /21h30

• Título: **50 sombras Livre 3D** (sala 1)

- Género: **drama**
- Sessões: 13h30/16h00/18h30 /21h00/23h30

• Título: **Jumanji: Bem-Vindos à Selva 3D**

- Género: **ação/aventura** (sala 2)
- Sessões: 13h20/16h20/18h50 /21h20/23h50*

• Título: **Abelha Maia: Os Jogos de Mel VP**

- Género: **animação/aventura** (sala 3)
- Sessões: 13h00 / 15h00 (excepto dia 20 de Fev)

• Título: **Maze Runner: A Cura Mortal 3D**

- Género: **ação** (sala 3)
- Sessões: 17h00/19h50/22h40* (excepto dia 20 de Fev)

• Título: **Patrulha dos Gnomos VP** (sala 4)

- Género: **animação**
- Sessões: 14h00/16h10 / 10h10 (excepto dia 22 de Fev)

• Título: **The Commuter: O Passageiro**

- Género: **ação** (sala 4)
- Sessão: 20h10** /22h30* (excepto dia 22 de Fev)

• Título: **Covil de Ladrões**

- Género: **ação/ drama** (sala 5)
- Sessões: 13h40/16h30/ 19h20/22h20

*(dias 16 e 17 de Fevereiro)

DISCOGRAFIA
LIOTH CASSOMA
FINALIZA ÁLBUM

A cantora gospel Lioth Cassoma está a preparar o lançamento do seu próximo trabalho discográfico, intitulado "Não Temerei". Trata-se de um trabalho mais ousado, comparando aos álbuns anteriores, cujas mensagens evocam a palavra de Deus.



MOSTRA
EVA LIBERAL EXPÕE
"SENTIDOS"

Fotografias de rua, das muitas ruas, de muitos países, conhecidos dá artista plástica Eva Liberal, por esse mundo fora, entre eles Angola, estão patentes no Centro Cultural Português em Luanda. A exposição, individual, denominada "Sentidos", fica até 22 de Fevereiro.



EVENTOS

JOÃO MELO ESCRITOR DO MÊS
NA BIBLIOTECA CAMÕES

O escritor, poeta e jornalista angolano João Melo é a figura de destaque, este mês de Fevereiro, na primeira edição da promoção e divulgação de autores de Língua Portuguesa, no Centro Cultural Português de Luanda. Através de leitura colectiva de extractos de obras e de biografias, o encontro, que acontece em dois dias, ao longo de cada mês, reserva momentos interactivos com os utentes da biblioteca, na sua maioria estudantes. O próximo encontro do autor de "Amor" está marcado para o dia 26, entre as 10h00 e as 11h30. Natural de Luanda, João Melo é escritor, jornalista, publicitário e professor universitário. Conta com obras publicadas em Angola, Brasil, Portugal, Itália e Cuba, bem como textos traduzidos para inglês, alemão, húngaro, árabe e mandarim. Em 2009, recebeu o Grande Prémio de Cultura e Artes, na categoria de Literatura, pelo conjunto da sua obra. Actualmente, exerce a função de Ministro da Comunicação Social.



ESCRITOR João Melo figura de destaque em Fevereiro

FILHO DO ZUA

"Saia Dela"
deslumbra
no Top Rádio
Luanda 2017



A música "A Saia Dela", do cantor e compositor Filho do Zua, foi a grande atracção da noite que marcou a 19ª edição do grande prémio Top Rádio Luanda, ao arrebatador dois prémios.

Filho do Zua era um homem bastante feliz nessa noite e teve de subir ao palco para receber os prémios de "Voz Revelação Masculina do Ano" e de "Kizomba do Ano".

A música, gravada em Dezembro de 2016, faz parte do primeiro álbum do cantor, intitulado "Tudo ou Nada", lançado há dois meses.

O álbum, que resume a vida do cantor humilde do Golfe, trás ritmos e melodias, desde o tradicional ao mais moderno. Filho do Zua entra, desta forma, para o grupo dos mais galardoados do concurso musical da Rádio Luanda.

A música "Saia Dela" tornou-se, em pouco tempo, "viral" nas pistas de dança e na boca dos ouvintes:

"Eu vou bazar/ Para bem longe desta cidade/ Vou levar a minha guitarra/ para cantar/ Na luz de vela/ Eu compus aquela canção/ Pensando nela/ Pensando nela/ Aonde eu vou/ Ela também dança/ Aquele Semba/ Aquela dança dos kotas... A saia dela oh / A saia dela/ O corpo dela ua ué/O corpo dela/ A saia dela uh / A saia dela/O corpo dela ua ué/ O corpo dela... Eu vou bazar/ Para bem distante desta cidade/ Na luz de vela/ Eu compus aquela canção/ Pensando nela/ A onde eu Vou/ Ela também dança./A onde eu vou/ Ela também dança/ Aquela dança dos kotas".

Sostenes Jeremias da Costa Zua ou, simplesmente, Filho do Zua, nasceu em Luanda e sonhava ser futebolista. Começou a cantar muito cedo, no coral da igreja. Aos 21 anos, o "Novinho do Semba", como também é tratado, conta no seu repertório sucessos como "A Saia Dela", "Ndoki, Ta Lembido", "Manga de Dez" e "Ti Papel", esta última com a participação de Puto Português.

Durante a noite que marcou os 442 anos da cidade de Luanda, foram também premiados Irmã Cubana, "Gospel do Ano"; Baló Januário, "Folclore"; Paulo Flores, "Produção Discográfica do Ano"; Yola Semedo, "Voz Feminina do Ano"; Eddy Tussa, "Semba do Ano"; L'Vincy Saint, "Versão do Ano"; Noite e Dia, "Kuduro do Ano"; Nova Energia, "Show do Ano"; Yola Araújo, "Video Clip do Ano"; Ivan Alexei, "Voz Maculina do Ano"; MOB, "Rap do Ano" e os Moikanos com o "Afro House do Ano".

Na mesma noite, foram também distinguidas o cantor Miguel Buila, "Balada do Ano", Edmázia Mayembe, "Guero Zouk", Abiude, "Voz Feminina Revelação", bem como Toty Sa, Med "Afro Jazz". O "Prémio Carreira" foi atribuído ao músico Robertinho.

CRISTINA DA SILVA



O NOSSO LEITINHO TEM TODOS OS SEGREDOS PARA NÓS CRESCERMOS SAUDÁVEIS



REPÚBLICA DE ANGOLA
DIRECÇÃO PROVINCIAL DE SAÚDE DE LUANDA
PROGRAMA PROVINCIAL DE SAÚDE DE LUANDA



Evitar essas doenças é bué fácil. Basta deitar o lixo no sítio correcto.



MALÁRIA ✘

CÓLERA ✘

FEBRE TIFÓIDE ✘



O lixo pode atrair insectos e animais nocivos à saúde da tua família.
Coloca o lixo em sacos e deita no contentor.
Faça a sua parte.





CONSTATAÇÃO SITUAÇÃO GENERALIZADA

O gosto pela prática desportiva, mormente o futebol, sempre foi visto como um dos divertimentos favoritos da juventude. Uma das formas encontradas para facilitar o "gosto ao pé", em determinados bairros, é dividir os pouquíssimos campos em três ou quatro partes. Mesmo assim não chega.

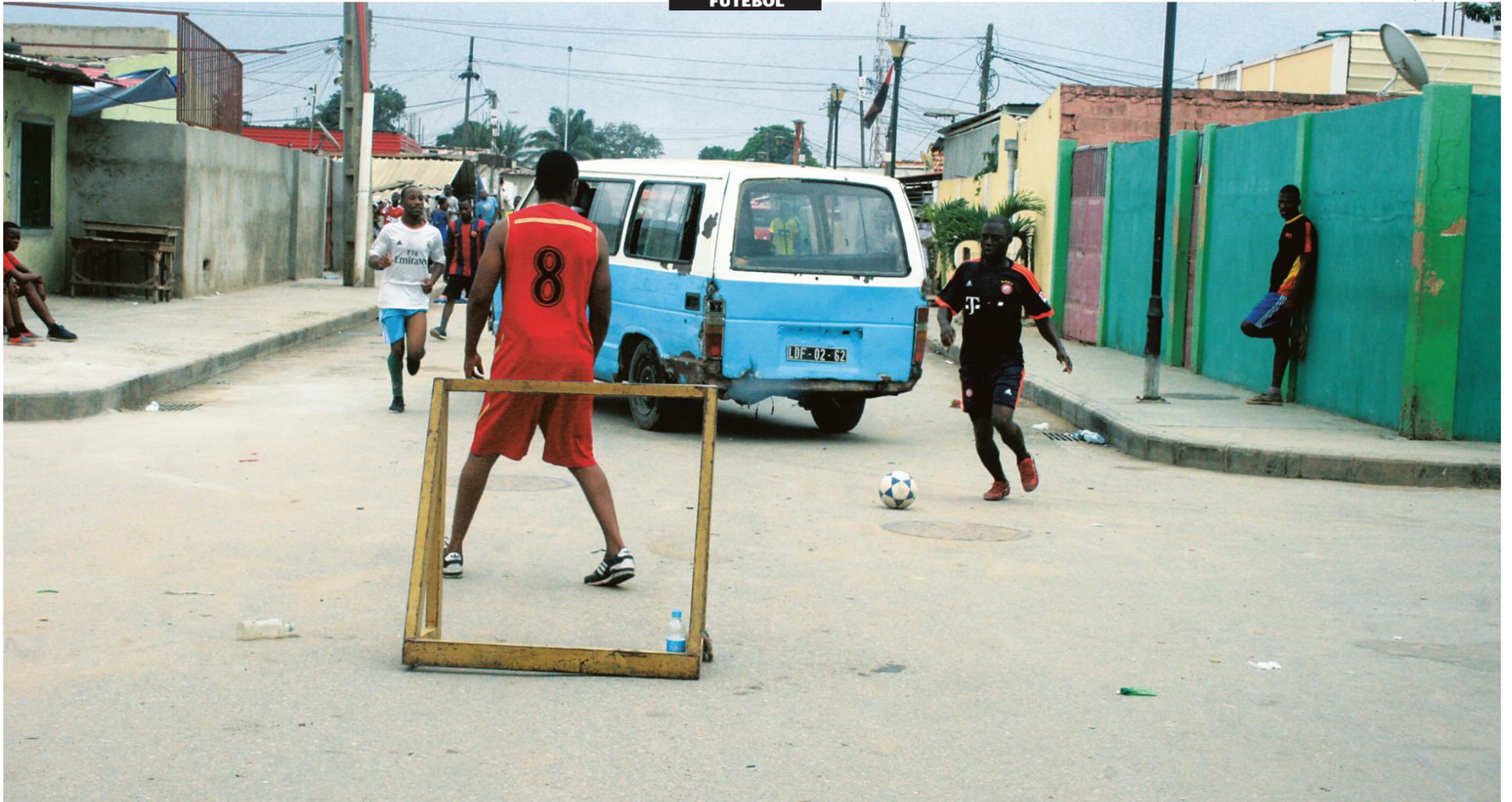


DIPLAS JOÃO DESCOBERTA DE VALORES COMPROMETIDA

"A quase inexistência de campos nos bairros é um dos indicadores que faz com que a Selecção Nacional esteja carente de jogadores com talento, porque o futebol está a ser pouco praticado. Acredito que a aposta deve incidir nos bairros".

FUTEBOL

EDUARDO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



DESAFIO Preferencialmente aos finais de semana jovens e crianças ocupam as ruas, de pouco movimento de trânsito automóvel, para poderem jogar futebol

Jovens e crianças disputam as estradas com os carros

A maioria dos espaços usados para a prática de futebol desapareceram, o que leva a situações caricatas em alguns bairros. Há também quem garanta que a própria selecção nacional de futebol sai ressentida desta realidade

Adalberto Ceita

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Com o surgimento em Luanda de novas infra-estruturas, a maioria dos espaços usados para a prática de futebol desapareceram, o que leva a situações caricatas em alguns bairros. Para se ter uma ideia, estradas há em que jovens e crianças disputam, com os automobilistas, espaços para dar toques na bola. Há também quem garanta que a própria selecção nacional de futebol sai ressentida desta realidade, porque destes espaços, agora ocupados, saíam muitos dos seus craques.

Sempre que percorre as imediações do local em que, durante décadas, acolheu o conhecido "Prédio da Cuca", no Kinaxixi, Distrito Urbano da Ingombota, município de Luanda, a tristeza

ganha forma no rosto de Braúlio Machado. De 46 anos de idade, guarda na memória as inúmeras partidas de futebol que disputou no espaço adjacente ao célebre edifício.

"Foi neste vasto espaço onde eu e muitos vizinhos aprendemos a jogar à bola, alguns deles chegaram a representar equipas do nosso Girabola", disse. Braúlio Machado fala com saudade que havia, não só no Kinaxixi, como em outros bairros, espaços livres onde crianças e jovens praticavam desporto. Por este motivo, observa, com bastante apreensão, quando estes, preferencialmente aos finais de semana, ocupam as ruas, de pouco movimento de trânsito automóvel, para poderem jogar futebol.

Numa ronda efectuada por distintos bairros, a reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano*, constatou que a situação é quase generalizada. A cons-

trução de infra-estruturas, sobretudo edifícios, acabou com os espaços outrora aproveitados para o desporto e recreação.

Paulo Custódio, que reside há mais de duas décadas na Avenida dos Combatentes, município de Luanda, conta que o gosto pela prática desportiva, mormente o futebol, sempre foi visto como um dos divertimentos favoritos da juventude.

Com saudades, lembra o famoso "Campo dos Autocarros", palco de célebres "trumunus". Do futebol em si, salienta, ficam as recordações dos craques, uma vez que o palco das exibições foi vedado e transformado em parque automóvel de um conhecido grupo empresarial.

"Daqui, saíram grandes jogadores, mas já não acontece, porque o espaço foi privatizado. Hoje, os jovens entram facilmente no mundo do álcool e em

outras práticas más, que podiam ser evitadas, caso praticassem desporto", disse.

O treinador de futebol do Real Palanquinhas do Kilamba, Fábio António, tem dificuldade em entender a situação que se assiste e defende que é tão fundamental quanto imprescindível a existência de campos nos bairros. Além do risco de atropelamento, o jovem treinador inclui o perigo de lesões e ferimentos graves devido a prováveis quedas no asfalto.

Fábio António deixou prematuramente os relvados, na sequência de uma lesão no joelho. Para não estar desligado do mundo da bola, adoptou as táticas ele-

mentares da modalidade no "Campo da Cimangola", em Cacuaco.

"Foi o lugar onde aprendi muita coisa sobre futebol e fiz amizades. Pertence à empresa Cimangola, que, infelizmente, tomou a decisão de encerrá-lo. Penso que devia ser transformado num grande pólo de desenvolvimento desportivo", sustentou.

Fábio António partilha da ideia de que o Executivo deve encontrar soluções para amenizar a situação, investindo mais em programas que possam potencializar o "desporto rei", uma vez que a carência de campos nos bairros é uma realidade.



MUNICÍPIO DO CAZENGA EXEMPLO DE REDUÇÃO

Embora reúna um número elevado de jovens que praticam a modalidade, o Cazenga também convive com o desaparecimento destes espaços, sendo o ex-campo da Sociflex, no bairro do Curtume, um exemplo. Apesar dos constantes apelos dos homens do futebol às entidades responsáveis, para alterarem o quadro, as respostas tardam a chegar.



FÁBIO ANTÓNIO PERIGO DE FERIMENTOS

“É tão fundamental quanto imprescindível a existência de campos nos bairros. Além do risco de atropelamento, no asfalto, o futebol inclui o perigo de ferimentos graves devido a prováveis quedas. O Executivo deve encontrar soluções para amenizar a situação, investindo mais em programas que possam potenciar o “desporto rei”.

CARÊNCIA DE TALENTOS

Adepto do bom futebol, Paulo Custódio lamenta que muitos dos espaços acabaram por ser vendidos ou ocupados para projectos privados, sem que houvesse uma alternativa para os praticantes e amantes de futebol nos bairros.

“Esses espaços produziram estrelas do futebol, que, posteriormente, vieram a destacar-se no Girabola e em competições internacionais, disse, dando como exemplo Zico, um dos craques que, na década passada, passou classe pelo Petro de Luanda e pelos Palancas Negras.

A semelhança de muitos jovens da sua geração, Bernardo Massano, antigo atleta do ASA, deve ao futebol de bairro toda a habilidade que, em outros tempos, desfilou. Portanto, considera que a falta de campos para a prática do futebol nas zonas periféricas de Luanda compromete o aparecimento de talentos.

“A estatística actual de descoberta de novos valores, nos bairros, está cada vez mais reduzida e acredito que é uma das causas da dificuldade de encontrarmos, num determinado campeonato, mais de cinco talentos. Penso que, neste capítulo, muito tem de ser revisto”, disse.

Diplas João, treinador das camadas infanto-juvenil, sublinha que a quase inexistência de campos nos bairros é um dos indicadores que faz com que a Selecção Nacional esteja carente de jogadores com talento, porque o futebol está a ser pouco praticado. Apologista da regra de que o futebol faz-se nos municípios, o técnico pede ao Governo da Província mais campos de futebol.

“Acredito que a aposta deve incidir nos bairros, porque é lá onde o futebol é praticado com amor, dedicação e sacrifício”, disse.

SOLUÇÕES INSTITUCIONAIS

Embora reúna um número elevado de jovens que praticam a modalidade, o Cazenga também convive com o desaparecimento destes espaços. O *Luanda, Jornal Metropolitano*, apurou

que o município tinha sete campos, dentre os quais, dois foram, alegadamente, vendidos pelos proprietários.

No Bairro do Curtume, por exemplo, está localizado o ex-campo de Sociflex, que deu lugar a uma fábrica de blocos, o que é outro exemplo de desaparecimento de espaços desportivos.

Mendes Salvador, morador no Distrito Urbano do Tala-Hady, considera que o ex-campo do Rodoviário, no Asa Branca, onde foi instalada a empresa dos Transportes Colectivos Urbanos de Luanda (TCUL), é um dos que mais falta faz a quem procura praticar o desporto rei. Esta falta, realça, é sobretudo sentida aos sábados, domingos e aos feriados.

O jovem explica ainda que uma das formas encontradas para facilitar o “gosto ao pé” a um maior número de pessoas é dividir os pouquíssimos campos em três ou quatro partes. Mesmo assim não chega para todos.

“É muito triste o que acontece. Seria bom que as pessoas que fazem essas construções deixassem espaços para os nossos miúdos jogarem à bola. Tem havido constantes apelos dos homens do futebol às entidades responsáveis, para alterarem o quadro. Mas as respostas tardam a chegar”, sustentou.

Para Alfredo Tuta, de 26 anos, a escassez de campos no bairro obriga a jogar em qualquer lugar, desde que a vontade de chutar e exteriorizar toda a técnica seja libertada. Residente no Nelito Soares, Distrito Urbano do Rangel, o jovem acresce um dado novo: “Temos procurado solução junto das autoridades administrativas há vários anos e não encontramos resposta favorável”.

Diante da falta de alternativas, Alfredo Tuta admite que ele e os outros jovens arriscam, jogando nas estradas, onde o trânsito é pouco movimentado.

“Os terrenos baldios e arenosos eram os espaços que, num passado recente, acolhiam os desafios de futebol. Mas hoje só resta disputar as estradas com os carros”.

AC



EDUARDO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

ALTERNATIVA A escassez de campos nos bairros obriga a jogar em qualquer lugar, desde que a vontade de chutar e exteriorizar toda a técnica seja libertada



Diz-se que o semba não é semba sem o carnaval e vice versa. O Semba é a base ou, melhor dizendo, a essência do Carnaval luandense. A par de outros estilos, como a Kazucuta, representa a base do nosso Carnaval

ANTÓNIO FRANCISCO DE OLIVEIRA
SECRETÁRIO-GERAL DA APROCAL

BISPO TOCOISTA APOIO AO COMBATE À CRIMINALIDADE

O combate à criminalidade passa pela contribuição de todas as esferas da sociedade angolana, com destaque para os sectores social e produtivo, afirmou o bispo da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo, Afonso Nunes.



OCORRÊNCIAS

Chuva provoca mortes e inunda residências

Os Serviços de Protecção Civil e Bombeiros confirmaram a morte de duas pessoas e igual número de desaparecidos na sequência das fortes chuvas que atingiram a capital, no último sábado.

As vítimas são uma menor de quatro anos de idade que, perdeu a vida, pelo desabamento de uma parede de sua residência, no bairro Catinton, Distrito Urbano da Maianga e um jovem de 24 anos, que morreu afogado na Baía de Retenção do Coelho, em Viana, quando nadava no local, após à limpeza da lagoa, efectuada por moradores.

A chuva que teve duração de aproximadamente cinco horas, inundou mil e 950 residências, 16 escolas, sete igrejas, cinco centros médicos, quatro bancos comerciais e um Posto de Transformação.

De acordo com o porta-voz dos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros, oito residências, na comuna Banza Calumbo, no Distrito do Zango, ficaram descobertas.

Faustino Minguês informou que várias bacias de retenção e contenção de águas pluviais encontravam-se cheias, o que levou ao transbordo da água para as residências adjacentes, bem como para a via pública. "Está situação permitiu o alagamento das ruas, criando dificuldades à passagem de pessoas e viaturas, principalmente nas ruas secundárias e terciárias", contou.

O responsável, chamou atenção para o facto de em muitos bairros, principalmente os da periferia, serem afectadas pelas águas, em tempo chuvoso, pelo facto de terem sido construídos nas vias de passagem de águas pluviais. "Existem várias zonas caracterizadas e identificadas como sendo de risco em Luanda", alertou Faustino Minguês.

Até ontem, às 13 horas, o cenário em alguns bairros de Luanda, já se apresentava diferente. Alguns populares, tiveram mesmo que se juntar e utilizar electrobombas para a retirada das águas que chegaram a penetrar nas residências. Numas das ruas da Samba, por exemplo,

bem perto da sede distrital, famílias inteiras, estiveram de alerta para o efeito. "É preocupante. Já não sabemos o que fazer", lamentou Maria Filipe.

Moradora há mais de 20 anos, conta que a situação repete-se todos os anos, principalmente em tempo chuvoso. "Temos vizinhos que abandonaram as casas. Nós não temos por onde ir, por isso suportamos a calamidade", disse.

De recordar que, a chuva que caiu na noite de terça-feira e madrugada de quarta, deixou dois mortos, dois feridos e um desaparecido. As vítimas mortais viviam nos municípios do Kilamba Kiaxi e Cazenga e estavam em moradias que desabaram e arrastadas pela correnteza.

As autoridades relataram também a inundações de três mil moradias, o desabamento de quatro outras e o desalojamento de 300 famílias, em quase todos os municípios da província de Luanda.

A inundações de escolas, sete centros de saúde e de uma igreja, nos municípios do Cazenga, Cacucaco e Viana, e a queda de árvores nos distritos urbanos da Maianga, Sambizanga e Ingombota constam do balanço.

CRISTINA DA SILVA



ESTRAGOS Várias casas inundaram

Resenha da Semana

CONTRABANDO

APREENDIDOS 21 QUILOGRAMAS DE MARFIM EM LUANDA

Vinte e um quilogramas de marfim, avaliados em 74 mil dólares, foram apreendidos pelo Serviço de Investigação Criminal (SIC), em Luanda, nos meses de Agosto e Outubro de 2017.

Segundo uma nota de imprensa do Gabinete de Comunicação Institucional e Imprensa do Ministério do Ambiente, a que a Angop teve acesso, a apreensão de marfim trabalhado e não trabalhado resultou também na detenção de dois cidadãos de nacionalidade chinesa e um angolano. Os detidos são acusados de associação criminosa, agressão ao ambiente e contrabando.

O caso que envolve o cidadão angolano, é identificado por Marcelo Firmino, de 42 anos de idade e foi detido no dia 11 de Agosto, no bairro da Estalagem, em Viana, com 13,25 quilogramas de marfim. De referir que, um quilograma de marfim é comercializado por três mil 500 dólares norte-americanos na China e no Vietname.

O outro caso envolve chineses que tentaram exportar, a partir do Porto de Luanda, 5,45 quilogramas de marfim não trabalhado, 2,58 quilogramas de marfim trabalhado em escultura. Em posse dos chineses, foram, de igual modo, apreendidos 0,73 quilogramas de escama de Pangolim (único animal mamífero totalmente coberto de escamas).

Outra mercadoria apreendida em posse dos chineses foi um total de 9,98 quilogramas de Pau de Cabinda, cujo valor económico não foi estimado. Pesquisas realizadas indicam que, na China, o Pau de Cabinda é transformado em medicamentos em pó e em chás que são exportados para Angola e outros países, por via do comércio.

O inventário dos meios apreendidos foi coordenado pelo grupo de autoridades da Convenção sobre Comércio Internacional Espécies Ameaçadas da Fauna e Flora Selvagens (CITES), do Ministério do Ambiente.

ANIMAIS

POSTOS PERMANENTES VÃO FAZER VACINAÇÃO

Cinco postos permanentes de vacinação contra a raiva em animais foram criados este mês no município do Kilamba Kiaxi, em Luanda. Os postos, com dois técnicos cada, estão a funcionar nas Administrações Distritais do Palanca, Sapu, Nova Vida e Golfe e visam dar resposta ao crescente número de mordeduras de cães no município e prevenir e combater a raiva.

Em declaração à Angop, o responsável da área de Canil/Gatil, Armando Marimba, esclareceu que os cães devem ser vacinados uma vez por ano, pois a prevenção é muito importante, porque o animal vacinado fica protegido do vírus da raiva.

Armando Marimba informou que haverá também grupos móveis para abranger grande parte dos animais. "Os distritos estão a realizar trabalhos de sensibilização e mobilização dos munícipes para a importância e necessidade da vacinação e para o perigo da doença da raiva que é fatal em homens e animais", esclareceu.

De acordo com dados estatísticos da Direcção Municipal da Saúde, de Julho a Dezembro de 2017 foram registados 822 casos de mordedura de cães. Em relação aos animais vadios, disse que a Administração não possuiu meios técnicos para a recolha.

Por fim...

ANTÓNIO PIMENTA



A RESSACA DO CARNAVAL

Ainda com a ressaca do nosso Carnaval, deixo comigo a pensar nas grandes enxurradas que se abateram sobre a cidade de Luanda, que, por pouco, ia dando um fim inglório ao Entrudo de terça-feira passada. Os problemas que causaram e que, ao fim e ao cabo, acabam por trazer ao de cima um velho problema, que remonta ao tempo da outra senhora, no que o escoamento das águas diz respeito, na nossa cidade capital. Dois mortos e danos materiais ainda por avaliar representam o somatório dos incidentes que se registaram neste dia, em Luanda, e que, mesmo assim e a julgar pelas debilidades registadas a vários níveis nesta edição, não deixam de representar um sério aviso às pessoas ligadas à organização da maior festa do povo, sobretudo no que à segurança das pessoas diz respeito. Dizemos isso porque, a julgar pela forma inesperada como São Pedro abriu, as suas comportas, surpreendendo até os serviços meteorológicos, que não conseguiram, em tempo oportuno, nos dar as previsões do tempo, o pior podia ter acontecido. Cada um a seu jeito tentou encontrar protecção na primeira esquina. O Corpo de Bombeiros, ao que se diz, terá falhado na sua acção de protecção dos cidadãos e, segundo comentários, desapareceram, logo após o início das chuvas. A fuga da chuva confundiu-se com a fuga de outras coisas, como os cabos que bem se podiam encontrar em qualquer espaço do Entrudo. "As chuvas foram de tanta intensidade, que, a determinada altura, ficámos sem saber se nos protegíamos dos cabos de energia, ou se evitávamos a queda da tenda onde nos encontrávamos a trabalhar, para proteger os nossos equipamentos", afirmou alguém. Os detentores de viaturas também não escaparam da odisseia. Algumas foram levadas pela corrente das águas, forçando os seus proprietários a abandoná-las. Mas a chuva passou, idem o Carnaval. Soluções extras foram encontradas para o problema dos grupos, que, por força das chuvas, não conseguiram passar pelo crivo do grupo de jurados que, nas arquibancadas da Nova Marginal, aguardava por eles para avaliar-lhes o desempenho na "festa do povo". O caso foi resolvido no gabinete, a troco de uma certa compensação material e à sua permanência no grupo A. Até porque seriam enormes os gastos para uma nova edição, no sábado a seguir. O Dia das Mabangas passou para quinta-feira, como diz o nosso colega, sem o mesmo gosto das Mabangas sem subsídios.

DURANTE O CARNAVAL

Polícia detém dois suspeitos de roubo

Dois homens suspeitos do roubo de telemóveis foram detidos pela Polícia Nacional, na passada terça-feira, durante o desfile da classe A do carnaval na Nova Marginal de Luanda.

O director do gabinete de Comunicação Institucional e Imprensa da delegação de Luanda do Ministério do Interior, intendente chefe Mateus Rodrigues, disse que os acusados foram detidos por polícias infiltrados no meio de espectadores. Ainda assim, comando Provincial de Luanda da Polícia

elogiou o comportamento cívico da população durante os três dias do Carnaval, cujos desfiles foram realizados nos dias 10, 11 e 13. Realçando que o bom comportamento da população permitiu o registo de casos graves. Segundo o oficial da corporação, as instruções divulgadas pela polícia antes, durante e depois da festa do Entrudo permitiram que o evento decorresse num ambiente calmo. Durante o desfile central estiveram destacados perto de dois mil efectivos.